DEREK PRINCE

JULGAR:



QUANDO? PORQUÊ? COMO?

DEREK PRINCE PORTUGAL

"Mais uma vez, Derek Prince demonstrou a sua capacidade dada por Deus de afirmar questões importantes com grande clareza e discernimento. Nestes dias de apostasia crescente e de desvalorização das Escrituras, é refrescante ter uma exposição tão clara sobre a questão vital do julgamento. Por meio do autor, o Espírito Santo nos deu grande clareza sobre esse assunto, por exemplo, ao relacionar o julgamento à autoridade. A questão do julgamento nos confronta como cristãos quase diariamente. Por isso, recomendo "Julgar: quando? porquê? Como?", a todos que estão buscando a face de Deus e agradeço a Ele pelo claro e expositivo ensino que tem. Como de costume, Derek Prince abordou questões complexas num ensino simples e direto, que todo cristão pode entender. Este é um dos seus grandes dons do Senhor."

Bill Subritzky
Evangelista e Autor
Nova Zelândia

Título original: JUDGING: WHEN? WHY? HOW?
© 2001 by Derek Prince Ministries–International

Derek Prince Ministries–International
P.O. Box 19501 Charlotte, NC 28219-9501

Título da tradução portuguesa: JULGAR: QUANDO? PORQUÊ? COMO?
© 2019 Derek Prince Portugal

Autor: Derek Prince
Tradução: Christina van Hamersveld
Correção Júlia Soares
Redação: Christina van Hamersveld
Desenho da capa: Derek Prince Portugal

A versão bíblica usada neste livro é: Almeida Corrigida Revisada Fiel, sempre que não seja mencionada informação contrária.

ÍNDICE

Introdução 5

1. Escrituras contra Julgar 6
2. Escrituras a favor de Julgar 8
3. A Resolução do Paradoxo 10
4. A Delegação da Autoridade Julgadora 13
5. Julgar sem Autoridade 15
6. Julgar e Governar 17
7. O que Não somos Responsáveis de Julgar 19
8. O Tribunal de Cristo 21
9. O que somos Responsáveis de Julgar 24
10. Julgar outros 26
11. Aqueles na Igreja 28
12. Padrões morais 30
13. Disputas entre Crentes 33
14. Doutrinas e Ministérios 36
15. Um Aviso para Cães Mudos 37
16. Como Identificar Ministérios Falsos 39
17. Dons Espirituais e Manifestações 41
18. Quem Não somos Responsáveis de Julgar 44
19. Como devemos Julgar 45

Apêndice 1: Como Reconhecer Apóstolos 49
Apêndice 2: Verdadeiros e Falsos Profetas 52

Sobre o Autor 56
Sobre Derek Prince Portugal 57
Outros livros por Derek Prince (em português) 58

INTRODUÇÃO

Julgar é um dos temas mais difíceis da Bíblia, mas também é muito importante. É um assunto sobre o qual há uma tremenda ignorância entre os cristãos em geral - e, consequentemente, tremenda desobediência. Isso nos custa muito caro. Multidões de cristãos, em parte por ignorância e em parte por desobediência, frequentemente agem contrariamente às Escrituras da maneira como julgam ou não.

Existe um aparente paradoxo nas declarações das Escrituras, principalmente no Novo Testamento, sobre se devemos ou não julgar. Várias passagens dizem que não devemos julgar e quase tantos dizem que devemos julgar. Quais devemos seguir? Nós veremos algumas das passagens das Escrituras de ambos os lados. Então, apresentarei um princípio pelo qual podemos entender, em qualquer situação, se devemos julgar ou não.

1

Escrituras contra Julgar

Primeiro vamos ver algumas das Escrituras contra julgar. No Sermão do Monte, Jesus disse:

"*Não julgueis, para que não sejais julgados. Porque com o juízo com que julgardes sereis julgados, e com a medida com que tiverdes medido vos hão de medir a vós. E por que reparas tu no argueiro que está no olho do teu irmão, e não vês a trave que está no teu olho? Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, estando uma trave no teu? Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho, e então cuidarás em tirar o argueiro do olho do teu irmão.*" (Mateus 7:1-5)

Aqui, Jesus estava dizendo muito enfaticamente: "Não julgue. Se o fizer, o julgamento que exercer, voltará contra ti." Esse juízo, contra si, é proveniente de duas fontes: uma humana e outra, divina. Tanto as pessoas como Deus irão julgá-lo com a mesma medida com que tiver julgado os outros.

"*Portanto, és inescusável quando julgas, ó homem, quem quer que sejas, porque te condenas a ti mesmo naquilo em que julgas a outro; pois tu, que julgas, fazes o mesmo. E bem sabemos que o juízo de Deus é segundo a verdade sobre os que tais coisas fazem. E tu, ó homem, que julgas os que fazem tais coisas, cuidas que, fazendo-as tu, escaparás ao juízo de Deus?"* (Romanos 2:1-3)

Romanos 2, aborda, essencialmente, pessoas religiosas. Os judeus são o exemplo, neste caso, mas, essa passagem pode aplicar-se de muitas maneiras à maioria das pessoas religiosas. Já notou que as pessoas religiosas, geralmente, pensam que, por saberem o que é certo e por poderem provar que os outros estão errados, isso garante-lhes que estão a viver da forma certa / que estão bem? Mas isso não é verdade! Na realidade, as pessoas que estão sempre julgando os outros, geralmente, são elas mesmas que estão erradas.

"*Ora, quanto ao que está enfermo na fé, recebei-o, não em contendas sobre dúvidas. Porque um crê que de tudo se pode comer, e outro, que é fraco, come legumes. O que come não despreze o que não come; e o que não come, não julgue o que come; porque Deus o recebeu por seu. Quem és tu, que julgas o servo alheio? Para seu próprio senhor ele está em pé ou cai. Mas estará firme, porque poderoso é Deus para o firmar.*" (Romanos 14:1-4)

Um pouco mais adiante, no mesmo capítulo, diz:

"*Mas tu, por que julgas teu irmão? Ou tu, também, por que desprezas teu irmão? Pois todos havemos de comparecer ante o tribunal de Cristo. Porque está escrito: Como eu vivo, diz o Senhor, que todo o joelho se dobrará a mim, E toda a língua confessará a Deus. De maneira que cada um de nós dará conta de si mesmo a*

Deus. Assim que não nos julguemos mais uns aos outros; antes seja o vosso propósito não pôr tropeço ou escândalo ao irmão." (Romanos 14:10-13)

Paulo escreveu o seguinte aos coríntios:

"*Que os homens nos considerem como ministros de Cristo, e despenseiros dos mistérios de Deus. Além disso requer-se dos despenseiros que cada um se ache fiel. Todavia, a mim mui pouco se me dá de ser julgado por vós, ou por algum juízo humano; nem eu tampouco a mim mesmo me julgo. Porque em nada me sinto culpado; mas nem por isso me considero justificado,…*" (1 Coríntios 4:1-4)

Essa é uma afirmação notável! Paulo estava dizendo: "Não tenho consciência de nada contra mim; eu não estou ciente de nada que eu tenha feito errado." Mas, isso não o justificou. Não o provou justo!

"*…pois quem me julga é o Senhor. Portanto, nada julgueis antes de tempo, até que o Senhor venha, o qual também trará à luz as coisas ocultas das trevas, e manifestará os desígnios dos corações; e então cada um receberá de Deus o louvor.*" (1 Coríntios 4:4,5)

Uma passagem final contra julgar, tirada da epístola de Tiago:

"*Irmãos, não faleis mal uns dos outros. Quem fala mal de um irmão, e julga a seu irmão, fala mal da lei, e julga a lei; e, se tu julgas a lei, já não és observador da lei, mas juiz. Há só um legislador que pode salvar e destruir. Tu, porém, quem és, que julgas a outrem?*" (Tiago 4:11,12)

Tiago faz um ponto que muitos cristãos têm esquecido: Falar mal de outro crente é julgar esse crente. Como crentes, somos especificamente advertidos a não falar mal uns dos outros. No entanto, muitos cristãos fazem exatamente isso! É contrário às Escrituras.

2

Escrituras a favor de Julgar

Agora vamos ver as passagens das Escrituras que dizem que devemos julgar. Em primeiro lugar, Jesus falou ao povo dos seus dias a respeito da sua reivindicação de ser o Messias:

"*Não julgueis segundo a aparência, mas julgai segundo a reta justiça.*" (João 7:24)

Nesse caso, Jesus estava lhes dizendo para julgar. Então, em 1 Coríntios 5: 1–5, Paulo escreveu:

"*Por toda parte se ouve que há imoralidade entre vocês, imoralidade que não ocorre nem entre os pagãos, a ponto de alguém de vocês possuir a mulher de seu pai. E vocês estão orgulhosos! Não deviam, porém, estar cheios de tristeza e expulsar da comunhão aquele que fez isso? Apesar de eu não estar presente fisicamente, estou com vocês em espírito. E já condenei aquele que fez isso, como se estivesse presente. Quando vocês estiverem reunidos em nome de nosso Senhor Jesus, estando eu com vocês em espírito, estando presente também o poder de nosso Senhor Jesus Cristo, entreguem esse homem a Satanás, para que o corpo seja destruído, e seu espírito seja salvo no dia do Senhor.*"

Observe que Paulo disse que ele "já condenou" e exigiu que os cristãos coríntios apoiassem o seu julgamento. Além disso, foi um julgamento extremamente severo: entregar um homem a satanás.

"*Mas agora vos escrevi que não vos associeis com aquele que, dizendo-se irmão, for devasso, ou avarento, ou idólatra, ou maldizente, ou beberrão, ou roubador; com o tal nem ainda comais. Porque, que tenho eu em julgar também os que estão de fora? Não julgais vós os que estão dentro? Mas Deus julga os que estão de fora. Tirai, pois, dentre vós a esse iníquo.*" (1 Coríntios 5:11-13)

Quando Paulo escreveu sobre "*os que estão de fora*", a quem ele está se referindo? Os incrédulos E quem ele descreveu como "*os que estão dentro*"? Os crentes. Neste caso, portanto, ele estava dizendo que não somos responsáveis para julgar os incrédulos, mas somos obrigados a julgar os nossos irmãos.

"*Ousa algum de vós, tendo algum negócio contra outro, ir a juízo perante os injustos, e não perante os santos? Não sabeis vós que os santos hão de julgar o mundo? Ora, se o mundo deve ser julgado por vós, sois porventura indignos de julgar as coisas mínimas? Não sabeis vós que havemos de julgar os anjos? Quanto mais as coisas pertencentes a esta vida? Então, se tiverdes negócios em juízo, pertencentes a esta vida, pondes para julgá-los os que são de menos estima na igreja?"* (1 Coríntios 6:1-4)

"*Mas o irmão vai a juízo com o irmão, e isto perante infiéis. Na verdade, é já realmente uma falta entre vós, terdes demandas uns contra os outros. Por que não sofreis antes a injustiça? Por que não sofreis antes o dano?*" (1 Coríntios 6:6,7)

Paulo aqui estabeleceu dois pontos. Primeiro, do lado negativo: é errado para um cristão levar um colega cristão à juízo perante um tribunal não cristão. Do lado positivo, no entanto, os cristãos são obrigados a julgar disputas internas entre os companheiros cristãos.

Por fim, observe as palavras de Jesus em Mateus 18: 15–17:

"*Ora, se teu irmão pecar contra ti, vai, e repreende-o entre ti e ele só; se te ouvir, ganhaste a teu irmão; Mas, se não te ouvir, leva ainda contigo um ou dois, para que pela boca de duas ou três testemunhas toda a palavra seja confirmada. E, se não as escutar, dize-o à igreja;* " (Mateus 18:15-17)

Note novamente que esta é uma disputa entre crentes. Se eles não conseguem resolver isso entre si, em última análise, tem que ser apresentado à igreja. Isso não é uma opção; é um mandamento. Nós não somos livres para deixar as disputas por resolver. Se pudermos resolvê-las como entre nós, é bom. Caso contrário, somos obrigados a levá-las perante a igreja.

Não somos livres para deixar as disputas por resolver.

"*…e, se também não escutar a igreja, considera-o como um gentio e publicano.*" (Mateus 18:17)

Um homem que não aceita a decisão da igreja perde o direito de ser tratado como um crente. Esta é uma declaração solene!

3

A RESOLUÇÃO DO PARADOXO

Nas passagens que acabamos de ver, vemos que a Escritura coloca em nós uma obrigação de julgar. Mas as passagens que examinamos anteriormente nos alertaram contra o julgamento. Qual é a explicação?

Quanto a mim, aceitei um princípio básico que resolve esse aparente paradoxo - um princípio, que precisamos entender para discernir, em qualquer situação, se devemos ou não julgar. O princípio, simplesmente afirmado, é o seguinte: **julgar é função de governar, provindo (descendo) do próprio Deus.**

Às vezes é difícil para os cristãos americanos entenderem esse princípio porque a Constituição americana, separa a justiça da governação. O Poder Executivo governa e o Poder Judiciário, julga. Mas esta é uma separação que não tem base nas Escrituras.

Deixe-me acrescentar que não estou atacando a Constituição! Desde o ano de 1970, quando me tornei cidadão americano, tem sido a minha sincera intenção respeitar a Constituição. Mas quando olhamos para o julgamento do ponto de vista da Constituição americana, não o entendemos pelo ponto de vista de Deus, porque a Bíblia sempre une as duas responsabilidades de governar e julgar. Esse elo remonta à própria natureza do próprio Deus e é transmitido dEle (descendo) até à raça humana.

Na sociedade humana, em várias áreas e em vários níveis, Deus nomeou homens como juízes. Na história de Israel, julgar e governar nunca se divorciaram um do outro. O livro de Juízes é o primeiro livro descrevendo pessoas que governaram dentro da área da herança de Israel. Os juízes eram os governantes de Israel. Depois disso, seus governantes se tornaram os seus juízes. Durante o período dos reis, não havia um Supremo Tribunal de modo a que alguém pudesse avançar com um recurso contra o julgamento do rei. Ele era tanto rei como juiz, e o seu julgamento era definitivo. Julgar e governar no Antigo Testamento, nunca estavam separados. De facto, a palavra sagrada para Deus, *Elohim*, é na verdade aplicada aos homens que eram juízes.

"*Deus está na congregação dos poderosos; julga no meio dos deuses.*" "*Eu disse: Vós sois deuses, e todos vós filhos do Altíssimo.*" (Salmos 82:1,6)

"*Então seu senhor o levará aos juízes …*" (Êxodo 21:6)

"*Se o ladrão não for achado, então o dono da casa será levado diante dos juízes, a ver se não pôs a sua mão nos bens do seu próximo. Sobre todo o negócio fraudulento, sobre boi, sobre jumento, sobre gado miúdo, sobre roupa, sobre*

toda a coisa perdida, de que alguém disser que é sua, a causa de ambos será levada perante os juízes; aquele a quem condenarem os juízes pagará em dobro ao seu próximo." (Êxodo 22:8,9)

Por que eles foram chamados deuses? Porque a sua função como juízes era tomar o lugar de Deus e julgar o Seu povo. A sua autoridade veio de Deus, desde que eles administrassem corretamente a Sua lei.

O facto, da Escritura aplicar aos juízes humanos, *Elohim*, a palavra para o único Deus verdadeiro, mostra que tremenda santidade e autoridade Deus atribui à posição de um juiz. Várias Escrituras deixam isso claro.

Quando Deus anunciou a Abraão a Sua intenção de julgar Sodoma, o patriarca realmente questionou-O se seria um julgamento justo. Ele disse,

"*Longe de ti que faças tal coisa, que mates o justo com o ímpio; que o justo seja como o ímpio, longe de ti. Não faria justiça o Juiz de toda a terra? "* (Gênesis 18:25)

Quem é o juiz de toda a terra? Deus. O governante é também o juiz. Observe o importante princípio estabelecido logo no início da Bíblia - um princípio, que acredito ser válido em toda a Escritura: é contrário à justiça tratar os justos como os iníquos.

É contrário à justiça tratar os justos como os iníquos.

A nossa cultura ocidental contemporânea tem uma atitude negativa em relação ao julgar. Opõe-se a imposição da autoridade e da aplicação da lei. Ela assume que a principal função do julgamento é punir os maus. Mas não o é; isso é secundário. A principal função do julgamento é proteger os justos.

Mas esse conceito foi perdido de vista na nossa cultura contemporânea. Os órgãos responsáveis por administrar a justiça fazem todos os possíveis para proteger o criminoso e oferecem pouca proteção à vítima. Este é um exemplo típico da mentalidade pervertida na nossa cultura moderna! Devemos sempre ter em mente que a principal função da justiça é proteger os justos. Nunca é a vontade de Deus tratar os justos da mesma maneira que os ímpios.

A esse respeito, permita-me fazer uma observação entre parênteses que tem a ver com a forma como tratamos a questão do divórcio. Eu acredito que é contrário às Escrituras tratar a parte inocente da mesma forma que a culpada. Isso é uma negação do princípio básico das Escrituras. Nas palavras de Abraão:

"*Longe de ti que faças tal coisa, que mates o justo com o ímpio; que o justo seja como o ímpio, longe de ti. Não faria justiça o Juiz de toda a terra? "* (Gênesis 18:25)

Deus respondeu a Abraão, por implicação, "Isso mesmo, Abraão: nunca me afastarei desse princípio". Vemos, então, que Deus, o Governante, é também o Juiz de toda a terra. Este princípio que nunca separa o julgamento da governação nos ajudará mais tarde a entender o que devemos julgar e o que não devemos.

Nos salmos, Deus reprovou os juízes de Israel:

"*Deus está na congregação dos poderosos; julga no meio dos deuses.*" (Salmos 82:1)

Que declaração notável! Quem são os *deuses*? Os juízes. Por que Deus está julgando-os? Porque eles foram juízes injustos, como a passagem afirma mais adiante:

"*Até quando julgareis injustamente, e aceitareis as pessoas dos ímpios? (Selá.) Fazei justiça ao pobre e ao órfão; justificai o aflito e o necessitado.*" (Salmos 82:2,3)

A principal obrigação de um juiz, sabe, é proteger os justos:

"*Livrai o pobre e o necessitado; tirai-os das mãos dos ímpios. Eles não conhecem, nem entendem* [por outras palavras, essas pessoas não vão dar ouvidos] *; andam em trevas; todos os fundamentos da terra vacilam.*" (Salmos 82:4,5)

Outra declaração notável! Para mim, isso indica que quando o julgamento não é justo, a estrutura da sociedade está desalinhada. Toda a sociedade se torna instável. A estabilidade depende do justo julgamento.

No sexto versículo, Deus estava falando:

"…*Vós sois deuses, …*"

Porque é que eles foram chamados de "*deuses* "? Porque, como juízes, eles representavam Deus ao Seu povo.

"*…e todos vós filhos do Altíssimo. Todavia morrereis como homens, e caireis como qualquer dos príncipes.*" (Salmos 82:6,7)

Porque é que esse julgamento veio sobre eles? Porque eles abusaram de sua posição como juízes e perverteram a justiça. No último versículo o salmista disse:

"*Levanta-te, ó Deus, julga a terra, pois tu possuis todas as nações.*"(Salmos 82:8)

O que o salmista estava dizendo, na verdade, é isto: "Nós não temos tido justiça de juízes humanos. Por isso, reafirme o Seu direito, Deus, para julgar. Precisamos, julgamento justo."

4

A Delegação da Autoridade Julgadora

Ao continuar a examinar o Novo Testamento, encontramos uma imagem mais detalhada do julgamento.

"*E, se invocais por Pai aquele que, sem aceção de pessoas, julga segundo a obra de cada um, andai em temor, durante o tempo da vossa peregrinação,*" (1 Pedro 1:17)

Pedro estava dizendo que aquele que chamamos de Pai julga cada pessoa de acordo com o seu trabalho. Então, o juiz supremo é Deus Pai. No plano divino, no entanto, Deus delegou o ofício de juiz a Jesus Cristo, como o próprio Jesus explicou:

"*E também o Pai a ninguém julga, mas deu ao Filho todo o juízo; "* (João 5:22)

Em Mateus 25: 31-32, temos uma imagem vívida de Jesus estabelecendo o Seu reino na Terra no final desta era.

"*E quando o Filho do homem vier em sua glória, e todos os santos anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória; "* (versículo 31)

Jesus é aqui representado tomando o Seu lugar como governante no seu trono. Qual é a primeira coisa que Ele fará como governante? Ele julgará.

"*E todas as nações serão reunidas diante dele, e apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as ovelhas; "* (versículo 32)

Vemos que, no final desta era, a primeira função pública de Jesus como o Governante nomeado por Deus, será julgar aqueles a quem Ele governa. Governar e julgar andam juntos.

Mas as Escrituras revelam que há um processo descendente de transmissão da Autoridade para julgar. "*o Pai a ninguém julga, mas deu ao Filho todo o juízo*" (João 5:22). O Pai é a autoridade suprema, o Governante supremo, o Juiz supremo. Mas Ele delegou a função de julgar ao Seu Filho, Jesus Cristo.

São dadas duas razões para esta delegação. Primeiro, "*Para que todos honrem o Filho, como honram o Pai …*" (João 5:23). A fim de assegurar que a raça humana pague a devida honra ao Filho, Deus fez Dele o Juiz.

Num sistema legal devidamente estabelecido, em qualquer tribunal, uma pessoa é honrada acima de todas as outras. Quem é aquela pessoa? O juiz. É assim

também no sistema de autoridade que Deus estabeleceu. Jesus como juiz é honrado acima de todos os outros.

A segunda razão dada em João 5 para Jesus ser feito o Juiz é que o Pai "*… deu lhe autoridade para julgar,* ***porque Ele é o Filho do Homem*** " (versículo 27, NVI, ênfase adicionada). Jesus é um juiz que pode entender as nossas fragilidades e enfermidades humanas; Ele próprio as experimentou.

"*Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém, um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado.*" (Hebreus 4:15)

Quando somos confrontados por alguma tentação que consideramos irresistível, nunca poderemos dizer a Jesus: "Mas você não entende!" Ele experimentou todas as tentações que são comuns ao homem e nunca foi enredado no pecado.

Mas a delegação de autoridade vai ainda mais longe. Assim como Deus Pai delegou ao Filho a autoridade para julgar, o Filho delegou a autoridade à Sua própria Palavra. Jesus disse:

"*Quem me rejeitar a mim, e não receber as minhas palavras, já tem quem o julgue; a palavra que tenho pregado, essa o há de julgar no último dia.*" (João 12:48)

Jesus está dizendo: "Eu não julgo ninguém; é a Minha Palavra que julgará." Então a delegação final de autoridade julgadora é à Palavra de Deus.

5

Julgar sem Autoridade

Quase todos nós podemos nos sentir fortemente tentados, em algum momento, a pronunciar-nos sobre pessoas que, obviamente, estão fazendo coisas que não têm o direito de fazer. Mas as Escrituras fornecem exemplos que nos advertem contra ultrapassar os limites da nossa autoridade para julgar. Primeiro, vamos olhar para o relato sobre Ló na cidade de Sodoma.

Com certeza, lembra-se da história. Ló foi a Sodoma como visitante e se estabeleceu na cidade, mas nunca havia recebido nenhuma posição oficial. Os homens de Sodoma, que eram muito maus, queriam fazer sexo com os anjos que tinham ido à casa de Ló. Ló os havia reprovado. Mas os homens que ele estava tentando conter, reagiram assim:

"*Eles, porém, disseram: Sai daí. Disseram mais: Como estrangeiro este indivíduo veio aqui habitar, e quereria ser juiz em tudo? Agora te faremos mais mal a ti do que a eles …*" (Gênesis 19:9)

Com efeito, eles estavam dizendo a Ló: "Você não tem autoridade para julgar. Ninguém te fez juiz nesta cidade; você é apenas um visitante. Não tente dizer nos o que fazer!

Do ponto de vista legal, esses homens estavam certos, embora, claro, a sua conduta fosse abominável. Pela sua própria insensatez, Ló se colocara numa posição em que ele era uma testemunha de atos malignos, no entanto não tinha autoridade para os restringir. Felizmente para ele, os visitantes angélicos intervieram em seu favor.

Agora veja o caso de Moisés. Com a idade de quarenta anos, autonomeado, ele entrou em ação para libertar Israel da sua escravidão no Egito. No primeiro dia, matou um egípcio que estava maltratando um dos seus companheiros israelitas. No dia seguinte, encontrou dois israelitas lutando e tentou separá-los. Mas eles não o deram ouvidos. Então Moisés disse ao homem que estava fazendo mal ao seu companheiro israelita:

"*… por que feres a teu próximo? O qual disse: Quem te tem posto a ti por maioral* [governante] *e juiz sobre nós? Pensas matar-me, como mataste o egípcio? Então temeu Moisés, e disse: Certamente este negócio foi descoberto.*"
(Êxodo 2:13,14)

Ele tinha razão: Moisés não tinha autoridade. Ninguém fez dele um governante. Ele não tinha o direito, portanto, de julgar. Moisés acabou fugindo por quarenta anos de exílio no deserto.

Lá no exílio, com oitenta anos de idade, Moisés experimentou um encontro transformador de vida, com o Senhor. Quando ele regressou ao Egito como governante designado por Deus, tinha autoridade não apenas para julgar o povo de Israel, mas também para realizar uma série de milagres inigualados por qualquer outro ser humano.

Essa ideia estende-se até o Novo Testamento. Em Lucas 12: 13–14, Jesus foi confrontado por um homem que alegou que a sua herança estava a ser roubada, por seu irmão. Em resposta, Jesus realmente citou as palavras do israelita a Moisés e aplicou-as a si mesmo: "*Homem, quem me designou juiz ou árbitro entre vocês?*" (versículo 14, NVI).

Na verdade, Jesus estava dizendo: "Há um tribunal aqui para cuidar de casos como esse. Existem anciãos; existe um Sinédrio. Não tenho nenhuma autoridade; Eu não posso julgar-vos. "Está vendo a sabedoria do Senhor? Embora Jesus fosse o Filho de Deus e representante de Deus. Ele não tinha autoridade nesta área, então Ele não julgou. Quantos de nós seriam tão sábios?

6

Julgar e Governar

Vimos que há um elo lógico e inseparável entre governar e julgar. Primeiramente, isso é revelado na natureza eterna do próprio Deus. Ele é tanto o Governante Supremo quanto o Juiz Supremo.

O mesmo princípio se aplica, no entanto, a todos aqueles no nível humano, que têm a responsabilidade de governar. Em todas as áreas em que é dada a responsabilidade de governar, deve ser dado a eles também a responsabilidade de julgar.

Se der à filha mais velha a responsabilidade de cuidar dos filhos mais novos, também deve dar-lhe autoridade para julgar - isto é, aplicar as regras que determinam o comportamento aceitável e o reprovável. Ela deve determinar, por exemplo, quais programas de TV eles podem assistir e quais não. Caso contrário, o trabalho dela torna-se impossível.

Essas são duas coisas que nunca devem ser separadas: responsabilidade e autoridade. Quando a uma pessoa é dada a responsabilidade de governar, ela também deve receber a autoridade para julgar. Nós não podemos divorciar um do outro. A responsabilidade sem autoridade é ineficaz. A autoridade sem responsabilidade é autoritarismo.

> Quando a uma pessoa é dada a responsabilidade de governar
> ela também deve receber a autoridade para julgar.

Podemos então estabelecer princípios simples e básicos:

• Onde temos a responsabilidade de governar, também temos autoridade para julgar.
• Em contrapartida, quando não temos a responsabilidade de governar, não temos autoridade para julgar.

No entanto, devemos levar a nossa análise um passo adiante. Vamos supor que respondemos de maneira satisfatória a questão de *quem* está autorizado a julgar. Ainda há outra questão vital. Essa pessoa está autorizada a julgar *o quê* ? Essa pessoa tem autoridade ilimitada para julgar todas as questões que surgem? Ou a sua autoridade é limitada a certas áreas definidas?

Voltando ao exemplo da filha mais velha que cuida dos seus irmãos mais novos, ela tem autoridade para determinar quais programas de TV eles podem assistir. Mas ela também tem autoridade para determinar quais livros eles podem ler? Ou talvez lhes seja permitido ler qualquer livro que possam escolher numa biblioteca cuidadosamente montada pelos seus pais?

Deixe-me ilustrar o conceito de autoridade limitada a partir da experiência pessoal. Alguns anos atrás, um advogado judeu passou pelo campo de tênis na Flórida, onde eu costumava jogar e me convidou para jogar tênis com ele. Depois disso, começamos a jogar juntos regularmente. Mais tarde, ele foi eleito para o tribunal do condado, então assim encontrei-me jogando tênis com um juiz! Ele explicou-me a responsabilidade que sentia no seu novo cargo.

"A pena máxima que tenho direito a dar é de um ano de prisão", disse ele. "Esse é o limite da minha autoridade. Acredite ou não, acho tão cansativo tentar fazer o meu trabalho direito que vou para a cama às oito horas todas as noites!"

A sua situação nova foi um bom exemplo de autoridade limitada para julgar. Qual foi a área da sua autoridade? Apenas um condado, Condado de Broward. Ele não tinha autoridade no condado de Dade ou no condado de Palm Beach. Que tipo de pessoas ele era autorizado a julgar? Apenas aqueles que cometeram delitos para os quais a pena máxima fosse inferior a um ano de prisão. Outros tipos de criminosos ficavam de fora do seu julgamento.

O que ele tinha direito de julgar? Qualquer coisa contrária à lei da Flórida ou aos estatutos ou decretos do condado de Broward. Se um homem estivesse dirigindo trinta e cinco quilômetros por hora numa zona de trinta quilômetros por hora, por exemplo, o meu amigo de tênis teria o direito de julgá-lo por esse ato. Mas se o mesmo homem estivesse dirigindo à trinta quilômetros por hora no seu descapotável com a capota recolhida, o meu amigo não poderia julgá-lo por esse ato, já que não era uma ofensa. A sua autoridade para julgar estava confinada a uma determinada área e a certos tipos de pessoas fazendo certos tipos de coisas.

Esse tipo de limitação é típico para todo julgamento, e o princípio se aplica, praticamente falando, a todos nós. Há uma determinada área, há determinadas pessoas e há determinados atos que devemos julgar. Fora dessa área, com outras pessoas e com atos diferentes, não temos autoridade para julgar.

Então, a nossa discussão sobre julgamento não está completa até que respondamos a todas as três perguntas: **Em que áreas** estamos autorizados a julgar? **A quem** estamos autorizados a julgar? **E quais são as ofensas** que estamos autorizados a julgar? Podemos ter autoridade para julgar certas pessoas, mas não certas coisas. E se julgarmos essas pessoas por coisas que não estamos autorizados a julgar, estamos excedendo a nossa autoridade.

Iremos debater a resposta para cada uma dessas três perguntas. Mas primeiro, devemos ter em mente que há várias coisas que nunca somos responsáveis de julgar.

7

O que Não somos Responsáveis de Julgar

Não somos responsáveis pela avaliação final de caráter de uma pessoa, incluindo o nosso.

Foi um grande alívio para mim quando descobri que não era responsável por fazer julgamentos desse tipo, porque, francamente, como a maioria das pessoas religiosas, era isso mesmo que fazia. Era uma responsabilidade pesada, e estava ficando cada vez mais difícil ter a certeza de que eu estava certo. Então, um dia, percebi que não precisava fazer nada disso!

Voltemos a 1 Coríntios 4 para um exemplo desse princípio. Os dois primeiros versículos são introdutórios:

"*Que os homens nos considerem como ministros de Cristo, e despenseiros* [mordomos]*dos mistérios de Deus. Além disso requer-se dos despenseiros que cada um se ache fiel.*"

A palavra *despenseiros*, está associada a julgar, porque um despenseiro tem de dar contas àquele que serve; tem de justificar a forma como conduz a sua mordomia. Ele será julgado de acordo com a sua fidelidade; foi ou não fiel. Paulo estava dizendo: "Meus colegas ministros e eu seremos julgados por termos sido ou não mordomos fiéis dos mistérios de Deus." Então ele continuou,

"*Todavia, a mim mui pouco se me dá de ser julgado por vós, ou por algum juízo humano; nem eu tampouco a mim mesmo me julgo.*" (1 Coríntios 4:3)

Nesta área do julgamento final, ele disse: "Você não me julga, eu não te julgo, nem a mim mesmo eu julgo. Esta é uma área de julgamento que não foi deixada nas nossas mãos de maneira nenhuma".

Não somos obrigados a julgar ou fazer uma avaliação final da alma de ninguém, incluindo nós mesmos.

"*Porque em nada me sinto culpado; mas nem por isso me considero justificado, pois quem me julga é o Senhor.*" (1 Coríntios 4:4)

Uma tradução melhor seria: "Eu não estou ciente de nada contra mim mesmo; Não sei de nada do que fiz de errado. Mas isso não me justifica, porque eu não sou o juiz; Deus é o juiz. Ele sabe coisas sobre mim que eu nem sei."

Aqui está uma área em que somente o Senhor é o juiz. Deixe-me reafirmar o princípio: **nunca somos responsáveis pela avaliação final de caráter ou**

conduta de ninguém, incluindo a nossa. A avaliação final, o grande resumo de toda a nossa vida, será feita pelo próprio Senhor.

"*Portanto, nada julgueis antes de tempo, até que o Senhor venha, o qual também trará à luz as coisas ocultas das trevas, e manifestará os desígnios dos corações; ...*" (1 Coríntios 4:5)

Somos especificamente advertidos a não julgar as coisas "*antes do tempo*". Que tempo é esse? O tempo em que o Senhor fará o julgamento. Esse julgamento só acontecerá quando o Senhor vier. Porquê o Senhor é o único que pode julgar nesta área de conduta e caráter humano? Porque ninguém mais conhece os segredos dos corações e motivos humanos.

É por isso que nunca somos responsáveis pela avaliação final do caráter de ninguém - incluindo o nosso - porque Deus "*trará à luz as coisas ocultas das trevas, e manifestará os desígnios dos corações;* "

Quando se trata de julgar a personalidade interior de uma pessoa, o único que conhece toda a verdade é Deus. E sem conhecer toda a verdade, não podemos julgar com precisão ou justiça. Não estamos qualificados para julgar os outros. Não estamos qualificados para julgar a nós mesmos. Somente o Senhor conhece os nossos motivos. Ele conhece o grau da nossa honestidade. Ele sabe quando somos hipócritas ou insinceras. Ele sabe tudo. Ele sozinho está qualificado para julgar.

Por fim, Paulo disse:

"*…e então cada um receberá de Deus o louvor.*" (1 Coríntios 4:5)

O propósito final de Deus não é de nos condenar, mas nos elogiar e nos recompensar por tudo de bom que fizemos. Vamos esperar pacientemente por esse momento maravilhoso!

8

O Tribunal de Cristo

Vamos olhar um pouco mais para o tipo de julgamento que ninguém compartilha com Deus - o julgamento que é exclusivamente Dele.

Paulo falou do "*dia em que Deus há de julgar os segredos dos homens, por Jesus Cristo, segundo o meu evangelho.*" (Romanos 2:16)

A quem Paulo se refere? A todos os crentes. Isto não é um julgamento de incrédulos, nem um julgamento para condenação, porque "*… agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus.*" (Romanos 8:1). Mas sim, este é um julgamento de nós, os crentes, para avaliar o nosso trabalho. É a esse julgamento que Pedro se referiu em 1 Pedro 4:17:

"*Porque já é tempo que comece o julgamento pela casa de Deus; e, se primeiro começa por nós, qual será o fim daqueles que são desobedientes ao evangelho de Deus?*" (1 Pedro 4:17)

A frase "*a casa de Deus*" denota os verdadeiros cristãos que são o templo de Deus. Falando como cristão, Pedro também se referiu a eles como "nós". Antes dos incrédulos serem julgados, os crentes serão trazidos perante o tribunal de Cristo.

Paulo também se referiu a esse julgamento dos crentes em 2 Coríntios 5:10:

"*Porque todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal.*"

"Todos" refere-se aos crentes em Cristo. Mais literalmente, isso poderia ser traduzido: "Todos nós seremos manifestados". Tudo será trazido para a luz impressionante da face de Deus. Não haverá segredos, álibis e desculpas.

Não admira que Paulo continuasse: "*Assim que, sabendo o temor que se deve ao Senhor, persuadimos os homens à fé; mas somos manifestos a Deus* " (2 Coríntios 5:11). Repetindo a palavra grega que significa "tornar manifesto", Paulo enfatizou que tudo será trazido à Luz. Não haverá nada que não esteja exposto.

Além disso, todas as nossas ações se enquadram numa ou outra de duas categorias: "boas ou más". Não há nada neutro. Qualquer coisa que não seja boa é má.

Em 1 João 5:17, somos confrontados com a mesma dicotomia/divisão: "*Toda injustiça é pecado …*" (NVI). O que não é claramente justo é realmente pecaminoso. Não existe um terreno neutro entre a justiça e o pecado.

As nossas ações são boas ou más.
Não há terreno neutro entre a justiça e o pecado.

Em Romanos 14:12, Paulo aplicou esse princípio de maneira direta e pessoal a cada cristão individualmente:

"*De maneira que cada um de nós dará conta de si mesmo a Deus.*"

Uma vez que compreendamos a certeza e a solenidade de comparecer perante o tribunal de Cristo, estaremos tão ocupados em preparar e manter-nos prontos que teremos pouco tempo para efetuar o julgamento final sobre as outras pessoas.

Seremos particularmente cuidadosos com o efeito que as nossas vidas têm sobre outras pessoas. Paulo enfatizou essa ideia em Romanos 14:13:

"*Assim que não nos julguemos mais uns aos outros; antes seja o vosso propósito não pôr tropeço ou escândalo ao irmão.*"

Isso é importante. A nossa conduta que faz com que um colega tropeça ou se desvie é algo pelo qual seremos julgados. Lembra-se do que Jesus disse sobre alguém que escandalizar [fazer tropeçar] um dos pequeninos que creem Nele?

"*…melhor lhe seria amarrar uma pedra de moinho no pescoço e se afogar nas profundezas do mar.*" (Mateus 18:6)(NVI)

O julgamento que essa pessoa espera será terrível!

O Novo Testamento adverte-nos que, como cristãos, todos estaremos diante do tribunal de Cristo. Alguns pregadores contemporâneos raramente falam sobre julgamento. De minha parte, sempre que estudo este tema de julgamento para pregar sobre ele, isso tem um poderoso impacto pessoal na minha maneira de viver.

Uma coisa que o homem moderno odeia é saber que ele terá de dar contas. A nossa cultura e filosofia contemporâneas são muitas vezes formas disfarçadas de rejeitar a responsabilização! Uma das principais razões pelas quais as pessoas querem acreditar na teoria da evolução é que ela não nos confronta com um Criador pessoal a quem devemos todos dar conta das vidas que temos vivido.

No entanto, apesar de todas as nossas teorias e todos os nossos argumentos, enfrentamos um facto inescapável: existe um Criador que também é Juiz, a quem todos daremos conta.

Enfrentamos um facto inescapável:
existe um Criador que também é Juiz, a quem todos daremos conta.

No entanto, não são meramente as nossas ações, que serão julgadas, mas também os nossos motivos. Há apenas um motivo legítimo para qualquer coisa que façamos: "*Portanto, quer comais quer bebais, ou façais outra qualquer coisa,* ***fazei tudo para glória de Deus***." (1 Coríntios 10:31, ênfase adicionada). Se há algo que não podemos fazer para a glória de Deus, provavelmente é algo que não deveríamos fazer de maneira alguma.

Em particular, Paulo especificou os atos simples e familiares de comer e beber. Francamente, devo dizer que algumas pessoas mudariam os seus hábitos alimentares se o objetivo fosse comer para a glória de Deus. No entanto, a Bíblia diz que é o que Deus exige. Estamos cientes que vamos dar conta da maneira como comemos?

Em Hebreus 6: 1–2, o escritor lista as seis doutrinas fundamentais (os alicerces) da igreja cristã. A sexta e última doutrina é o *julgamento eterno*. Este é o clímax de toda a vida humana, a "saída" através da qual todos nós passaremos do tempo para a eternidade. Em muitos lugares hoje, muito pouco é ensinado sobre o facto de que vamos responder a Deus pessoalmente pelas vidas que levamos. No entanto, por muitos anos, eu mesmo vivi a minha vida com essa consciência de que terei que responder a Deus pelo que digo e faço, e isso teve um efeito poderoso no modo como eu vivo. Eu acredito que o julgamento eterno é uma das doutrinas de fundamento, porque ela é tão importante para determinar a maneira como vivemos.

Mas esse julgamento pertence apenas a Deus.

9

Onde somos responsáveis de julgar?

Até aqui, revisamos certas áreas nas quais só Deus tem autoridade para julgar. Agora vamos olhar para outras áreas nas quais Deus coloca a responsabilidade sobre nós para julgar.

A primeira área é a seguinte: somos responsáveis de julgar a nossa conduta pessoal e os nossos relacionamentos.

Já vimos que não devemos fazer uma avaliação final de nós mesmos ou dos outros. O julgamento que devemos fazer, portanto, não é uma avaliação definitiva do mérito de uma pessoa, mas é essencialmente um julgamento de conduta. Não devemos julgar essa conduta baseado nos nossos sentimentos, ou nas opiniões da sociedade, ou mesmo na nossa própria estimativa. Somos responsáveis de julgar a nossa conduta e os nossos relacionamentos pelo claro ensino e padrões revelados na Palavra de Deus.

Vimos anteriormente que, assim como Deus Pai delegou ao Filho a autoridade para julgar, o Filho, por sua vez, delegou essa autoridade à Sua própria Palavra. Por que padrão, portanto, devemos julgar-nos? Pelo mesmo padrão que Deus usa: a Sua própria Palavra.

Em 1 Coríntios 11: 28-32, Paulo deu instruções sobre a celebração da Ceia do Senhor:

"*Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e assim coma deste pão e beba deste cálice.*" (versículo 28)

Somos avisados de que antes de participarmos da Ceia do Senhor devemos nos examinar. Por qual padrão? A palavra de Deus. Isso tornou-se um princípio meu: eu nunca tomo comunhão sem primeiro examinar-me. Fazer o contrário seria perigoso.

"*Porque o que come e bebe indignamente, come e bebe para sua própria condenação, não discernindo o corpo do Senhor. Por causa disto há entre vós muitos fracos e doentes, e muitos que dormem* [isto é, morreram prematuramente]." (versículos 29 e 30)

Este é um facto solene! Se não nos examinarmos antes de participar da Comunhão, estaremos sujeitos a trazer sobre as nossas vidas doença e até a morte prematura.

"*Porque, se nós nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados.*"

Se nos julgarmos a nós mesmos, não seremos julgados por Deus. Mas se não nos julgarmos, disse Paulo, e tomarmos a Ceia do Senhor indignamente, Deus

nos julgará. A opção é nossa: se julgarmos a nós próprios, nós antecipamos ao julgamento de Deus. Ele não nos julgará nas áreas em que nos julgamos a nós mesmos corretamente.

Então, existem três alternativas de preferência, em ordem decrescente:

1. Julgue-se a si mesmo e não fique sob o julgamento de Deus.

2. Não julgue a si mesmo e vem sob o julgamento de Deus, mas deixe que isso o leve ao arrependimento.

3. Venha sob o julgamento de Deus, não se arrependa e seja julgado com os incrédulos.

Cada um de nós experimentará o julgamento em uma das formas acima. Paulo mencionou duas formas em que Deus julgou os cristãos em Corinto porque eles falharam em julgar a si mesmos. Alguns estavam doentes e outros morreram antes do tempo. Precisamos ter em mente que a doença e a morte prematura daqueles crentes eram um julgamento de Deus porque eles não haviam julgado a si mesmos. Obviamente, ter orado por cura ou saúde em tais casos teria sido ineficaz.

Somos responsáveis, então, por julgar a nossa própria conduta e os nossos relacionamentos. E se nos julgarmos a nós mesmos pela Palavra de Deus, alinhando as nossas vidas com a Sua Palavra, então Deus já não tem nada para nos julgar.

Aqui estão algumas perguntas que eu pessoalmente faço a mim mesmo antes de tomar a Comunhão. Estou em paz com meu irmão ou irmã? Eu abrigo amargura ou ressentimento em meu coração? Eu falei mal do meu companheiro de fé? Eu já disse coisas sobre ele ou ela que eram falsas ou sem caridade? Estas são algumas das maneiras nas quais acredito que todos somos obrigados a julgar-nos.

Se levássemos a sério a nossa responsabilidade de nos julgarmos a nós mesmos, teríamos menos tempo para julgar os outros a quem não devemos julgar!

10

Julgar os outros

Vamos supor que aceitamos a nossa responsabilidade de nos julgarmos a nós mesmo. Mais quem deveremos julgar? Voltamos ao nosso princípio básico: governar e julgar andam juntos. Somos responsáveis por julgar aqueles que estão sob a nossa responsabilidade de governar.

Por exemplo, um marido e pai é responsável por julgar a sua família. Nisso, ele deve confiar no conselho e apoio de sua esposa como seu "ajudante" dado por Deus. No entanto, a responsabilidade principal recai sobre o homem.

Primeiro Timóteo 3: 4–5 fala sobre as qualificações de um ancião - alguém que deve governar a igreja. Ele lista, entre outras qualificações:

"*Que governe bem a sua própria casa, tendo seus filhos em sujeição, com toda a modéstia (Porque, se alguém não sabe governar a sua própria casa, terá cuidado da igreja de Deus?),*"

A família de um homem é o campo de provas para o seu ministério público. Quando ele sabe governar eficazmente em casa, ele torna-se um candidato para promoção à liderança pública. Mas se ele não souber governar com eficácia em casa, ele não está qualificado para a liderança pública. Existe uma relação direta entre a posição de um homem na sua família e a posição de um ancião ou governante na igreja. Cada um está governando em sua área particular, então cada um é obrigado a julgar.

Que conduta um pai ou marido é responsável por julgar? Mais uma vez, deixe-me dizer que nenhum de nós é responsável pela avaliação final do valor de qualquer outra pessoa. Um marido não é responsável pela avaliação final do valor eterno da sua esposa, nem um pai o é para a avaliação final do valor eterno dos seus filhos.

O que, então, o marido ou pai é obrigado a julgar? Ele deve julgar a conduta que afeta o bem-estar daqueles por quem ele é responsável.

Se vejo os meus filhos sempre regalarem-se com refrigerantes, sorvetes e doces, devo adverti-los de que estão correndo o risco de estragar os seus dentes e a sua saúde. Para garantir que eles cresçam saudáveis, posso ter que criar regras que limitem sua indulgência nessas coisas.

Ou se vejo o meu filho lendo um certo tipo de livro - talvez histórias de fantasmas - e ele já está nervosa e não dorme bem à noite, esse tipo de leitura é absolutamente a última coisa que é adequada para aquela criança em particular! Tenho a obrigação de dizer: "Não quero ver mais nenhum desses livros no teu quarto e quero saber o que está lendo".

Também sou obrigado a julgar as condutas que afetam a honra e a ordem de nossa casa. Eu serei responsabilizado por Deus e provavelmente também pelos meus vizinhos. Se os meus filhos são rudes e indisciplinados, isso reflete sobre mim como pai. Isso indica que não estou cumprindo a minha função. Os dinamarqueses têm um ditado que diz: "A maçã não cai longe da árvore". Essa é uma maneira simples e clara de comentar que o que os pais são, geralmente é o que os filhos acabarão sendo também.

Uma das palavras que quase já não se usa hoje é *honra*. No entanto, um pai deve se preocupar com a honra da sua família e casa. Os filhos de um amigo meu, um conhecido pregador, estavam se comportando mal. Ele lhes disse: "Quero que vocês saibam que o nome que vocês têm é um nome muito honrado, e vocês são responsáveis pelo que as pessoas pensam dele". Isso transformou os seus filhos!

11

Daqueles na Igreja

A próxima área de julgamento é a principal abordada no Novo Testamento: a igreja, o corpo corporativo dos crentes. Lembre-se de que os líderes devem julgar aqueles a quem lideram. Hebreus 13: 7 e 13:17 foram dirigidos aos membros da igreja, mas indicam o que se espera dos seus líderes:

"*Lembrai-vos dos vossos pastores* [dos vossos líderes]*, que vos falaram a palavra de Deus, a fé dos quais imitai, atentando para a sua maneira de viver* [isto é, o resultado que veem nas suas vidas]." (versículo 7)

"*Obedecei a vossos pastores, e sujeitai-vos a eles; porque velam por vossas almas, …*" (versículo 17)

É claro que se espera que a liderança da igreja exerça autoridade e mantenha a disciplina. De facto, onde não há liderança que desempenhe essas funções, não é correto, num sentido bíblico, falar sobre uma igreja. Em Atos 14: 21–23, os grupos de discípulos tornaram-se igrejas somente quando os anciãos foram designados. Antes de os anciãos serem nomeados, eles eram apenas grupos de discípulos. Foi preciso liderança para transformá-los numa igreja. Onde não há liderança eficaz, você pode ter uma reunião, mas o Novo Testamento não reconheceria isso como uma igreja.

A palavra grega para *igreja* é *ecclesia*. O significado normal disso, na literatura secular contemporânea, era "*uma assembleia governamental*". Em Atos 19, por exemplo, a cidade de Éfeso era governada por sua ecclesia, a sua assembleia. A palavra *ecclesia* é traduzida três vezes em Atos 19 como "*assembleia*" (vs. 32, 39, 41). Em outras palavras, a própria essência da igreja - a ecclesia - é governamental. Sem governo, nada justifica o uso da palavra igreja.

A própria essência da igreja é governamental

Quando olhamos para a história até a Reforma, vemos uma divisão no cristianismo em nosso mundo ocidental. Uma corrente permaneceu católico, a outra tornou-se protestante. Desde então, católicos e protestantes têm estado ocupados apontando os erros uns dos outros. Um amigo meu católico perguntou uma vez: "Não seria melhor se mudássemos, cada um focando nos pontos positivos do outro e endireitando os nossos próprios erros?"

Quer sejamos católicos ou protestantes, geralmente temos certos preconceitos, os quais nunca examinamos completamente. Um erro comum do protestantismo, observo, é que todos pensam que têm o direito de julgar em todas as situações.

Corrie ten Boom, da Holanda, um dos países mais atormentados pelo conflito entre católicos e protestantes, disse-me certa vez: "Todo holandês é o seu próprio teólogo". Isso pode ser particularmente característico do povo holandês, mas descreve uma característica comum ao protestantismo como um todo. Sem salvaguardas apropriadas, no entanto, isso pode levar a instabilidade e fragmentação.

Em última análise, embora a igreja esteja sob liderança, a responsabilidade final pelo julgamento não depende apenas dos líderes. Na maioria das áreas em que o Novo Testamento, nos cristãos, responsabiliza para julgarmos, está falando de cristãos no plural, não no singular. Em outras palavras, somos responsáveis por julgar coletivamente, não individualmente.

Vejamos algumas das Escrituras que nos dizem o que somos responsáveis por julgar. Em todos os casos, tanto quanto consigo determinar, é o corpo coletivo de crentes que é responsável por fazer o julgamento.

12

Padrões Morais

Em 1 Coríntios 5, Paulo falou sobre os padrões morais que uma congregação é obrigada a manter:

"*Geralmente se ouve que há entre vós fornicação, e fornicação tal, que nem ainda entre os gentios se nomeia, como é haver quem possua a mulher de seu pai. Estais ensoberbecidos, e nem ao menos vos entristecestes por não ter sido dentre vós tirado quem cometeu tal ação. Eu, na verdade, ainda que ausente no corpo, mas presente no espírito, já determinei, como se estivesse presente, que o que tal ato praticou,*" (versículos 1-3)

Os coríntios estavam ensoberbecidos com os seus dons espirituais, mas não lidavam com o pecado. Infelizmente, isso é frequentemente verdade em igrejas que colocam uma ênfase excessiva em dons espirituais o que não é equilibrado pela disciplina das Escrituras. Paulo disse aos coríntios claramente que um homem culpado de tal conduta não tinha lugar na igreja. Mas embora Paulo tenha dado o seu julgamento como um apóstolo, isso exigiu o endosso da igreja como um todo. Foi por isso que ele estava escrevendo, exortando-os:

"*Quando vocês estiverem reunidos em nome de nosso Senhor Jesus, estando eu com vocês em espírito, estando presente também o poder de nosso Senhor Jesus Cristo, entreguem esse homem a Satanás, para que o corpo seja destruído, e seu espírito seja salvo no dia do Senhor.*" (I Coríntios 5:4-5)(NVI)

Esse foi um julgamento temível! Mas note as palavras "*Quando vocês estiverem reunidos*", referindo-se à ação coletiva de todo o corpo. Paulo estava dizendo que ele não poderia estar lá pessoalmente, mas estava passando por sua carta e estaria orando. "Quando agirem", ele disse, "o meu espírito agirá com vocês".

O que significa entregar uma pessoa a satanás? Confesso que existem áreas em que não tenho total compreensão. Mas satanás é "o deus desta era" (2 Coríntios 4: 4). Quando uma pessoa é excluída do corpo de crentes, ela é entregue ao mundo. Que destino terrível! Isso não significa necessariamente que dizemos: "Satanás, nós entregamos essa pessoa a ti". No entanto, ser excluído da comunhão do povo de Deus é, em certo sentido, ser entregue a satanás.

O homem neste caso era culpado tanto de adultério quanto de incesto. Além disso, no mesmo capítulo, Paulo expandiu a lista de pecados que precisam ser tratados:

"*Já por carta vos tenho escrito, que não vos associeis com os que se prostituem; Isto não quer dizer absolutamente com os devassos deste mundo, ou com os avarentos, ou com os roubadores, ou com os idólatras; porque então vos seria*

necessário sair do mundo. Mas agora vos escrevi que não vos associeis com aquele que, dizendo-se irmão, for devasso, ou avarento, ou idólatra, ou maldizente, ou beberrão, ou roubador; com o tal nem ainda comais." (I Coríntios 5: 9-11)

Escrevendo no primeiro século de nossa era, Paulo era realista sobre as condições do mundo ao seu redor. Para um cristão separar-se completamente dos tipos de pessoas que Paulo descreveu - o sexualmente imoral, o avarento, o idólatra, o maldizente, o bêbado e o roubador (vigarista) - tal cristão teria que quebrar todo o contacto com o mundo.

Uma visão realista do mundo à nossa volta, à medida que o século XXI se abre, nos levaria à mesma conclusão. Estamos cercados por pessoas que são pecadoras em pensamento, palavra e ação. O mundo não mudou e nunca mudará. Somente a graça de Deus em Cristo pode efetuar o tipo de mudança radical que é necessária.

Como cristãos, no entanto, não somos obrigados a assumir responsabilidade pelas pessoas do mundo ao nosso redor. Portanto, não somos obrigados a julgar a sua conduta.

Veja o que acontece, quando a pessoa com quem me relaciono professa ser cristão, mas, não vive como tal. Se sou conhecido por ser cristão e mantenho uma comunhão estreita com uma pessoa idêntica à que Paulo descreveu, o incrédulo que nos conhece a ambos concluirá que aceito essa pessoa como um companheiro cristão. Eu lhe estarei a dar uma imagem falsa do que significa ser cristão. Eu estarei comprometendo o meu próprio testemunho.

Por essa razão, Paulo disse:

"*Porque outrora vocês eram trevas, mas agora são luz no Senhor. Vivam como filhos da luz,*" (Efésios 5:8)(NVI)

"*e aprendam a discernir o que é agradável ao Senhor. Não participem das obras infrutíferas das trevas; antes, exponham-nas à luz.*" (Efésios 5:10.11)(NVI)

Para ser aberto e honesto, tenho que dizer a essa pessoa: "Enquanto continuar vivendo do jeito que estás, não terei mais comunhão contigo. Porque, se o tivesse, o mundo pensaria que eu te aceito como meu companheiro cristão, e estaria enganando o mundo sobre o que um cristão realmente é. Até que mudes o teu estilo de vida, eu não posso continuar a ter comunhão contigo." Paulo resumiu essa situação dizendo:

"*Porque, que tenho eu em julgar também os que estão de fora? Não julgais vós os que estão dentro? Mas Deus julga os que estão de fora.*" (I Coríntios 5:12,13)

O que é que o Paulo quis dizer com '*os que estão dentro*'? Nossos irmãos crentes. Por outro lado, não precisa julgar '*os que estão fora* ', isto é, os incrédulos. Nesta passagem, o pronome "vós" é plural. É responsabilidade corporativa da

igreja coletiva julgar tais assuntos. Em conclusão, Paulo exigiu forte ação disciplinar pela igreja como um todo.

"*Tirai pois dentre vós a esse iníquo.*" (versículo 13)

A situação com a qual Paulo estava lidando era um caso incomum de imoralidade que não acontece em todas as igrejas todos os dias. Por outro lado, tenho frequentemente encontrado, no curso de visitas a várias igrejas, casos de incesto entre pai e filha e casos de homossexualidade praticada, entre os membros. Esse comportamento não é algo remoto de outra era. De facto, estamos sujeitos a enfrentar mais e mais dela à medida que a moralidade da nossa própria sociedade se deteriora.

Alguém disse uma vez: "Um navio no mar está bem; mas o mar no navio está mal". Um objetivo principal da disciplina é manter o mundo fora da igreja. Mas é uma batalha contínua!

13

Disputas entre os crentes

Para que mais, além da conduta ética e moral, somos responsáveis de julgar? Também somos responsáveis para julgar as disputas entre os crentes. As Escrituras são claras sobre isso. Para começar, vamos para as palavras de Jesus em Mateus 18:15: "*Se o teu irmão pecar contra ti* ".

Pedir emprestado dois mil dólares, prometer devolver dentro de trinta dias e mantê-lo por seis meses seria um pecado? Eu diria que seria. Os cristãos fazem essas coisas uns com os outros? Eles certamente fazem!

Então, se isso acontecer consigo, o que deve fazer com isso? Deve ir para o advogado? Não!

"*…vai, e repreende-o entre ti e ele só; se te ouvir, ganhaste a teu irmão;* " (Mateus 18:15)

O primeiro passo é ir para a pessoa em particular. Não vá a mais ninguém!

Na minha experiência, em disputas entre cristãos, pelo menos cinquenta por cento de nós começam fazendo a coisa errada: nós vamos a alguém que não seja o irmão ofensor. Quando fazemos isso, o problema sai do controle.

A minha primeira esposa, Lydia, era uma pessoa franca. Quando ela era missionária em Israel muitos anos atrás, antes de nos casarmos, um certo pastor era muito crítico acerca dela porque ela era "pentecostal". Ele a criticou perante outros cristãos. Por fim, o Senhor o convenceu e ele foi até ela para pedir-lhe que o perdoasse. A sua resposta foi típica. "Eu tenho que perdoá-lo por minha causa", disse ela. "Mas suba a uma torre com um saco de penas e solte-as ao vento, e veja quantas penas consegue recuperar."

Em outras palavras, o que foi dito, não pode ser 'desdito'. Quando usamos mal as nossas línguas e falamos com as pessoas erradas, estamos abrindo um saco de penas ao vento. Quantos deles conseguimos recuperar?

Dar esse primeiro passo e ir ao seu irmão é surpreendentemente eficaz. Anos atrás, quando eu era um jovem cristão, um irmão fez algumas observações injustas sobre uma pessoa muito próxima de mim e marquei um encontro para ver o irmão em particular. Quando nos encontramos, os seus joelhos estavam literalmente batendo de medo! Eu não precisei repreendê-lo ou discutir com ele. Num caso assim, a abordagem bíblica pode liberar a autoridade de Deus numa situação.

"*Mas, se não te ouvir, leva ainda contigo um ou dois, para que pela boca de duas ou três testemunhas toda a palavra seja confirmada.*" (Mateus 18:16)

Aqui está outro princípio: Em questões de julgamento, tudo tem que ser estabelecido por pelo menos duas testemunhas. Mais para frente direi mais sobre isso. Se o seu irmão não der ouvidos às testemunhas que traz, qual é o próximo passo?

"*E, se não as escutar, dize-o à igreja; e, se também não escutar a igreja, considera-o como um gentio e publicano.*" (versículo 17)

Jesus estava dizendo que aquele que não aceita a decisão da igreja perde o seu direito de ser tratado como cristão.

Duas coisas sobre isso me assustam. Primeiro, eu ficaria com medo de deliberadamente deixar de lado qualquer decisão de uma igreja que tivesse sido alcançada de maneira bíblica. A outra coisa que me assusta é pensar na autoridade investida na igreja, mas quão poucas igrejas são de alguma forma competentes para exercer essa autoridade!

Vamos para 1 Coríntios 6 e vejamos este princípio aplicado a uma situação da igreja:

"*Ousa algum de vós, tendo algum negócio contra outro, ir a juízo perante os injustos, e não perante os santos* [os crentes]*?*" (1 Coríntios 6:1)

"*Ousa algum de vós…*" observe com que convicção o Paulo se expressa aqui!

"*Não sabeis vós que os santos hão de julgar o mundo? Ora, se o mundo deve ser julgado por vós, sois porventura indignos de julgar as coisas mínimas? Não sabeis vós que havemos de julgar os anjos? Quanto mais as coisas pertencentes a esta vida? Então, se tiverdes negócios em juízo, pertencentes a esta vida, pondes para julgá-los os que são de menos estima na igreja? Para vos envergonhar o digo. Não há, pois, entre vós sábios, nem mesmo um, que possa julgar entre seus irmãos?*" (1 Coríntios 6:2-5)

Esta passagem não está dizendo que um cristão não deve ir para o tribunal. Está dizendo que um cristão não deve ir para o tribunal com um crente.

Nós podemos ser testados nisso. Alguns anos atrás, comprei uma casa de um crente e concordamos em usar o mesmo advogado. Eu nunca vou fazer isso novamente! O homem que escolhemos era um advogado que falava em línguas. Mas ele também era um bandido. De boa-fé, paguei o dinheiro que devia, mas o advogado se apropriou do dinheiro para pagar outra dívida - a dele.

Quando descobri o que o advogado havia feito, fui até ele sobre isso. Demorei algumas semanas para alcançá-lo! Mas ele estava tão falido que eu não tinha possibilidade de recuperar o dinheiro. Então escrevi para o homem de quem eu tinha comprado a casa e disse a ele que o nosso advogado tinha nos enganado. Como o dinheiro que eu paguei ao advogado foi desviado para outro uso, sugeri que compartilhássemos a perda entre nós. O crente escreveu de volta e disse: "Não, você pagou o dinheiro. É a sua perda."

Então eu consultei um segundo advogado, mais confiável. Ele me disse que, de acordo com o seu entendimento, não foi minha perda, mas a do antigo dono, porque eu havia comprado a casa livre de encargos e tinha o direito de recebê-la dessa maneira.

Então tive que passar algum tempo em oração! Acabei, porque a Bíblia diz que não devemos ir a tribunal com um crente, por aceitar a perda, e paguei o dinheiro uma segunda vez. Por fim, o dinheiro que perdi, Deus me devolveu muitas vezes. Mas foi um teste!

Não estou dizendo que se eu tivesse um contrato com um incrédulo e ele o quebrasse, eu não iria, depois de orar, ao tribunal. Estou dizendo simplesmente que não estamos livres para ir à justiça com um crente. É uma afronta se os crentes se levam diante de um tribunal mundano. Tais disputas devem ser resolvidas na igreja. Mas quantas igrejas hoje seriam competentes para lidar com uma questão assim?

Uma mulher metodista me escreveu uma vez reclamando que um membro da sua igreja havia alugado alguma propriedade dela e do seu marido, mas não estava pagando o aluguer. Qual foi o meu conselho? Eu citei 1 Coríntios 6: 1–6 e sugeri que ela fosse aos líderes da sua igreja e colocasse o caso diante deles. Nunca ouvi outra palavra dela. Não acho que ela estava satisfeita com o meu conselho, e bem podia ser que os líderes da sua igreja não saberiam como lidar com esse problema. No entanto, esse é o procedimento bíblico.

Depois que deixei uma igreja no Canadá que tinha pastoreado, a congregação se juntou a outra congregação e mais tarde se separou. Uma congregação acabou com todo o dinheiro e a outra queria metade disso. Então eles foram buscar justiça num tribunal civil. O juiz foi citado no jornal dizendo: "É uma afronta para vocês que seja eu a ter que julgar este caso".

14

Doutrinas e Ministérios

O que mais somos obrigados a julgar? Paulo deu outro exemplo em Romanos 16:17:

"*E rogo-vos, irmãos, que noteis os que promovem dissensões e escândalos contra a doutrina que aprendestes; desviai-vos deles.*"

Se as pessoas começarem a propagar doutrinas incorretas e isto se torna uma fonte de divisão na igreja, somos exortados a notar essas pessoas e recusar comunhão com elas. A base para julgar e recusar a comunhão neste caso é o erro doutrinário que gera divisão na igreja.

Neste caso, Paulo aparentemente tinha em mente algum tipo de doutrina falsa que se origina dentro de uma congregação. Por outro lado, falsas doutrinas também podem ser importadas de fora através de pregadores ou professores visitantes.

Em Apocalipse 2: 2 Jesus disse à igreja de Éfeso:

"*Conheço as tuas obras, e o teu trabalho, e a tua paciência, e que não podes sofrer os maus; e puseste à prova os que dizem ser apóstolos, e o não são, e tu os achaste mentirosos.*"

Jesus elogiou essa igreja porque quando os homens vieram reivindicando ser apóstolos, a igreja os testou coletivamente e rejeitou a reivindicação deles. Embora a igreja de Éfeso seja abordada no singular, entendemos que toda a igreja foi coletivamente responsável. Chegaram a tomar uma decisão muito séria, porque em Apocalipse 22:15 a lista daqueles para sempre excluídos da Nova Jerusalém e da Árvore da Vida termina com "e qualquer que ama e pratica a mentira".

Este assunto é mais amplamente tratado no "Apêndice 1: Como Reconhecer Apóstolos".

15

Um aviso para Cães Mudos

Neste contexto, é importante observar uma distinção entre dois tipos de problemas que podem ocorrer. Por um lado, existem disputas pessoais entre crentes individuais; por outro lado, há formas de má conduta ou erros de doutrina que afetam todo o corpo de Cristo.

Ao lidar com disputas pessoais, nosso objetivo deve ser trazer algum tipo de reconciliação entre as partes. Caso contrário, devemos procurar, pelo menos, selar o problema entre as pessoas envolvidas, para que não se transforme numa disputa mais ampla que afete mais pessoas.

Por outro lado, se estamos lidando com algum tipo de má conduta séria ou erro doutrinário que possa envenenar todo o corpo de Cristo, devemos estar mais preocupados com o bem-estar do corpo do que com a resolução de diferenças pessoais. Como pastores do rebanho de Deus, nossa primeira preocupação deve ser alertar e proteger as ovelhas.

Aqui estão dois exemplos de como os apóstolos lidaram com esse tipo de situação. Em relação a um crente chamado Himeneu, Paulo disse em 1 Timóteo 1: 18-20:

"*Este mandamento te dou, meu filho Timóteo, que, segundo as profecias que houve acerca de ti, milites por elas boa milícia; conservando a fé, e a boa consciência, a qual alguns, rejeitando, fizeram naufrágio na fé. E entre esses foram Himeneu e Alexandre, os quais entreguei a Satanás, para que aprendam a não blasfemar.*"

Em 2 Timóteo 2: 17–18 Paulo se referiu novamente a Himeneu:

"*E a palavra desses roerá como gangrena; entre os quais são Himeneu e Fileto; Os quais se desviaram da verdade, dizendo que a ressurreição era já feita, e perverteram a fé de alguns.*"

Paulo viu o erro que Himeneu estava propagando como um "câncer" no corpo de Cristo, e ele foi implacável em sua determinação de eliminá-lo. A palavra grega traduzida como "câncer" é a palavra da qual formamos a palavra inglesa gangrena. A preocupação de Paulo pelo bem-estar do corpo de Cristo prevalecia sobre qualquer relacionamento pessoal que ele pudesse ter com Himeneu. Ele foi, portanto, sincero em sua condenação pública de Himeneu. A questão a ser resolvida não era uma relação pessoal entre Paulo e Himeneu, mas um erro doutrinário afetando todo o corpo de Cristo.

Um outro exemplo desse princípio é encontrado em 3 João 9–10, em que o apóstolo João advertiu os crentes contra Diótrefes:

"*Tenho escrito à igreja; mas Diótrefes, que procura ter entre eles o primado, não nos recebe. Por isso, se eu for, trarei à memória as obras que ele faz, proferindo contra nós palavras maliciosas; e, não contente com isto, não recebe os irmãos, e impede os que querem recebê-los, e os lança fora da igreja.*"

Claramente, João sentiu-se obrigado a alertar os seus companheiros crentes porque o comportamento de Diótrefes, era uma causa de desordem e desunião no corpo de Cristo. A preocupação de João com o corpo de Cristo como um todo era mais importante do que qualquer sentimento pessoal que ele pudesse ter por Diótrefes como irmão.

Ainda hoje poderá acontecer que seremos confrontados com uma situação em que a nossa preocupação com o corpo de Cristo deve ter precedência sobre qualquer relacionamento pessoal que possamos ter com um crente individual.

No tempo de Isaías, o Senhor acusou os líderes de Israel de que eles estavam falhando na sua responsabilidade para com o Seu povo:

"*… todos são cães mudos, não podem ladrar…*" (Isaías 56:10)

Na aproximação de um predador, era dever dos cães pastores latir e assim advertir tanto os pastores quanto as ovelhas. Mas se os cachorros se mantiveram em silêncio, colocavam em perigo aqueles que contavam com a proteção deles.

O mesmo se aplica ao povo de Deus hoje. Onde quer que o rebanho esteja ameaçado por erros doutrinários ou ministérios enganosos, é a responsabilidade solene dos líderes dar uma advertência clara e autoritária. Os líderes que falham nessa responsabilidade estão na mesma categoria dos "cães mudos" que Deus reprovou no tempo de Isaías.

Há mais informação sobre este assunto no "Apêndice 2: Verdadeiros e Falsos Profetas".

16

Como Identificar Ministérios Falsos

Em Mateus 7:15, Jesus nos advertiu sobre falsos profetas,

"*Acautelai-vos, porém, dos falsos profetas, que vêm até vós vestidos como ovelhas, mas, interiormente, são lobos devoradores*."

O lobo é o inimigo natural das ovelhas, enquanto as ovelhas representam os verdadeiros crentes. O lobo que vem em roupas de ovelha indica um enganador - alguém que afirma ser um verdadeiro cristão o que não o é. Jesus continuou dizendo:

"*Por seus frutos os conhecereis. Porventura colhem-se uvas dos espinheiros, ou figos dos abrolhos?*" (versículo 16)

Quantas vezes temos que picar o dedo num espinho, na esperança de obter uma uva, antes de concluirmos que alguém é um falso profeta? Em conclusão, Jesus forneceu um teste decisivo: o teste da fruta.

"*Assim, toda a árvore boa produz bons frutos, e toda a árvore má produz frutos maus. Não pode a árvore boa dar maus frutos; nem a árvore má dar frutos bons. a árvore que não dá bom fruto corta-se e lança-se no fogo. Portanto, pelos seus frutos os conhecereis.*" (Mateus 7:17-20)

A diferença entre fruto e dons pode ser ilustrada comparando uma árvore de Natal com uma macieira. Os presentes numa árvore de Natal são colocados ali por um único ato, e igualmente tomados por um único ato. Nenhum processo de maturação ou amadurecimento é necessário.

Por outro lado, o fruto de uma macieira é produzido por um processo que se estende por um período de tempo. Esse processo inclui o plantio, a irrigação, a manutenção, a poda e, por fim, a colheita da fruta. Não existe fruta instantânea.

No reino espiritual, o fruto que devemos procurar é o caráter cristão. Este caráter é desenvolvido por um processo que inclui testes e disciplina. O produto final é um discípulo. Foi esse conceito que Paulo tinha em mente quando falou de Timóteo em Filipenses 2:22:

"*Mas conheceis **o seu caráter provado**, e que ele, como filho ao pai, serviu comigo a favor do Evangelho.*" (ênfase adicionada) (SBB)

Se nos aproximamos do reino espiritual olhando apenas para o instantâneo, nós nos abrimos para o engano. Ninguém produziu ainda figos instantâneos ou uvas instantâneas. Se alguém nos oferecesse isso, estaríamos imediatamente em

guarda. Da mesma forma, devemos estar atentos a ministérios que se concentram apenas em resultados imediatos que afetam os nossos sentidos.

Jesus fez uma distinção absoluta entre os dois tipos de árvores: Uma boa árvore não pode dar maus frutos; uma árvore má não pode dar bons frutos. Isso tem implicações práticas. Onde quer que encontremos frutos ruins, sabemos que sua fonte é uma árvore ruim. Precisamos identificar a árvore ruim e lidar com ela.

Jesus concluiu com uma terrível advertência a respeito de árvores que não produzem bons frutos: "*Toda árvore que não dá bom fruto é corta-se e lança-se no fogo* " (Mateus 7:19). Deus exige bons frutos. Árvores que produzem fruto mau e aquelas que não produzem fruto estão sob o mesmo julgamento. Seu destino final é o fogo do inferno.

17

Dons espirituais e Manifestações

"*Acerca dos dons espirituais, não quero, irmãos, que sejais ignorantes. Vós bem sabeis que éreis gentios, levados aos ídolos mudos, conforme éreis guiados.*" (1 Coríntios 12:1,2)

Por que Paulo usou a palavra "mudo" na passagem acima? Eu não acredito que ele quis dizer "estúpido". Qual era o sentido de chamar os ídolos de mudos? Eles nunca falaram. "Agora vocês estão num reino espiritual", o Paulo estava dizendo, "onde os espíritos habitam nos seres humanos e falam através deles pelos seus órgãos vocais. Portanto, precisão saber se é o Espírito Santo que está falando ou um espírito diferente - isto é um espírito maligno, um demônio."

Paulo então ofereceu um teste simples e prático:

"*Portanto, vos quero fazer compreender que ninguém que fala pelo Espírito de Deus diz: Jesus é anátema, e ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor, senão pelo Espírito Santo.*" (1 Coríntios 12:3)

Paulo tinha em mente uma situação em que um espírito passou a residir dentro de uma pessoa e que se manifesta através dessa pessoa. Não é o espírito da pessoa que somos obrigados a testar, mas o outro espírito que fixou residência dentro da pessoa. Há uma questão vital que devemos resolver: o espírito que se está manifestando através da pessoa, é o Espírito Santo de Deus ou é um espírito maligno - um demônio?

Para aplicar o teste, devemos falar diretamente com o espírito que está na pessoa. Devemos desafiá-lo a revelar a sua atitude para com Jesus: Jesus é o Senhor?

Se o Espírito reconhece que Jesus é o Senhor, então é o Espírito Santo. Mas se ele se recusa a reconhecer Jesus como Senhor, ou mesmo fala de forma blasfema contra Jesus, então é um espírito maligno - um demônio.

Eu apliquei pessoalmente este teste em muitos casos. Um espírito maligno sempre se trai por sua reação. Pode selar a boca da pessoa e se recusar a dar qualquer resposta. Ou pode fazer a pessoa sacudir a cabeça violentamente. Ou pode falar através da boca da pessoa, palavras negativas e blasfemas contra Jesus.

O teste decisivo é a atitude de um espírito em relação a Jesus. Ele irá honrá-Lo ou negá-Lo. Nunca será neutro.

Na sua primeira epístola, João também enfatizou a necessidade de testar os espíritos que encontramos:

Amados, não creiais a todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo. (1 João 4:1)

Observe a relação entre um falso profeta e um falso espírito. Um profeta é aquele que fala por um espírito que não é seu. Se ele fala pelo Espírito Santo, ele é um verdadeiro profeta. Se ele fala por qualquer outro espírito, ele é um falso profeta. É o espírito na pessoa que estamos testando, e não as reações naturais da pessoa. A questão decisiva é a atitude do espírito em relação a Jesus. João continuou:

"*Nisto conhecereis o Espírito de Deus: Todo o espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; E todo o espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus; mas este é o espírito do anticristo, do qual já ouvistes que há de vir, e eis que já agora está no mundo.*" (1 João 4:2,3)

Novamente, o teste é principalmente a atitude do espírito para com Jesus: Ele veio como Cristo (Messias) na carne - em um corpo físico?

"*Porque já muitos enganadores entraram no mundo, os quais não confessam que Jesus Cristo veio em carne. Este tal é o enganador e o anticristo. Olhai por vós mesmos, para que não percamos o que temos ganho, antes recebamos o inteiro galardão. Todo aquele que prevarica* [literalmente, que 'vai além']*, e não persevera na doutrina de Cristo, não tem a Deus. Quem persevera na doutrina de Cristo, esse tem tanto ao Pai como ao Filho.*" (2 João 1:7-9)

Observe a essência do teste: Jesus, o Messias, veio em carne e osso? Se um espírito não afirma isso, é um enganador.

O que é "*a doutrina de Cristo*"? Em 1 Coríntios 15: 1–5, Paulo declarou as verdades essenciais que são a base da nossa fé:

"*Também vos notifico, irmãos, o evangelho que já vos tenho anunciado; o qual também recebestes, e no qual também permaneceis. Pelo qual também sois salvos se o retiverdes tal como vo-lo tenho anunciado; se não é que crestes em vão. Porque primeiramente vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras, E que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras. E que foi visto por Cefas, e depois pelos doze.*"

Antes, em 1 Coríntios 3:11, Paulo havia declarado:

"*Porque ninguém pode pôr outro fundamento além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo.*"

Quando João falou sobre alguém que "vai além" dessas verdades básicas do fundamento, o que foi que ele tinha em mente? Isso aplica-se a qualquer um que acrescente outras doutrinas além daquelas declaradas por Paulo e exigindo a aceitação delas como condição de salvação. O orgulho anímico (da alma) às vezes tenta convencer as pessoas a acreditar em alguma chamada "verdade mais

profunda" ou alguma "luz superior" concedida apenas a meia dúzia de eleitos. Mas graças a Deus que as verdades essenciais do Evangelho são tão simples que até uma criança pode entendê-las. Algumas pessoas rejeitam o Evangelho não porque é muito profundo, mas porque é muito simples.

Como cristãos, teremos de dar contas a Deus pela maneira como a nossa conduta afeta outras pessoas. Devemos ter cuidado para não dizer ou fazer qualquer coisa que possa ser interpretada como tolerante ou endossante erro doutrinário sério que está sendo propagado por outros - o tipo de erro, isto é, que "vai além" das verdades simples e básicas do Evangelho, reveladas no Novo Testamento.

Para dar um exemplo simples e específico, acredito que o ensino das "Testemunhas de Jeová" claramente *vai além* do Evangelho revelado no Novo Testamento. Como regra geral, eu não gostaria de dizer ou fazer qualquer coisa que pareça endossar os seus erros.

18

Quem *não* somos responsáveis de julgar?

Em Romanos 14, Paulo deu exemplos de pessoas que não somos obrigados a julgar: aqueles que acreditam que podem comer carne, aqueles que acreditam que devem comer apenas vegetais, aqueles que acreditam que devem observar certos dias religiosos e aqueles que não observam dias religiosos. Desde que as suas observâncias não tenham um efeito negativo na minha vida, não sou responsável para julgá-las. Na verdade, tenho a responsabilidade de não julgá-los.

Por outro lado, se algo que outro crente fizer me influenciaria a fazer algo não bíblico, então tenho a responsabilidade de exercer julgamento. Em outras palavras, a área por qual sou responsável de julgar é a minha própria vida e conduta.

Outra área que não somos responsáveis para julgar são os filhos de outras pessoas. Às vezes é muito tentador fazer isso. Mas, novamente, a mesma limitação se aplica: a menos que a sua conduta nos afete, não devemos julgá-los.

Sabe o que tenho observado? Algumas das pessoas que estão ocupadas julgando os filhos de outras pessoas fariam melhor corrigir os seus.

Outra área que não somos responsáveis para julgar são os grupos cristãos aos quais não pertencemos. No Novo Testamento, essa situação não surgiu porque não havia outros grupos cristãos. Todos os cristãos pertenciam a um grupo. Então, em certo sentido, é uma situação não natural.

Mas digamos que esteja seriamente preocupado com o comportamento dos membros da outra igreja. Não é a sua responsabilidade julgá-los. Se realmente acha que a situação precisa ser tratada, vá ao seu pastor e ele irá ao pastor deles. Essa é a maneira de lidar com isso: pastor a pastor, não ovelha a ovelha.

19

Como devemos julgar?

Esta questão é muito importante. Aqui estão quatro princípios básicos de julgamento estabelecidos nas Escrituras, alguns ou todos os quais normalmente se aplicam.

1. Julgue com julgamento justo.

2. Julgue com base em fatos comprovados.

3. O acusado tem o direito de enfrentar os seus acusadores.

4. Julgue com base em pelo menos duas e, de preferência, três testemunhas confiáveis.

1. Com julgamento justo

Jesus nos avisou:

"*Não julguem apenas pela aparência, mas façam julgamentos justos.*" (João 7:24)(NVI)

Julgar é um assunto sério que pode ter resultados poderosos tanto para o bem como para o mal. De um jeito ou de outro, pode ter efeitos sérios e duradouros na vida das pessoas. Portanto, não devemos nos entregar ao julgamento precipitado ou superficial. Devemos seguir cuidadosamente os princípios estabelecidos nas Escrituras.

2. De acordo com os factos

Em segundo lugar, devemos julgar com base em factos comprovados. O relato dado em Gênesis 18 realmente me impressiona. O Senhor estava tendo uma conversa com Abraão, dizendo-lhe que estava a caminho de inspecionar as cidades de Sodoma e Gomorra, porque Ele havia recebido muitos relatos ruins sobre eles. (Os maus relatos, presumo, vieram de anjos.) O que me impressiona é que o Senhor não aceita apenas os relatos dos anjos sem verificá-los para Si mesmo. Veja o que Ele disse:

"*… Porquanto o clamor de Sodoma e Gomorra se tem multiplicado, e porquanto o seu pecado se tem agravado muito, descerei agora, e verei se com efeito têm praticado segundo o seu clamor, que é vindo até mim; e se não, sabê-lo-ei.*" (Gênesis 18:20,21)

Isso me surpreende! Mesmo o Senhor não julga sem tirar tempo para ver a situação por si mesmo. Como é que nós nos atrevemos se nem Deus assim o faz?

"*Quando ouvires dizer, de alguma das tuas cidades que o Senhor teu Deus te dá para ali habitar: Uns homens, filhos de Belial, que saíram do meio de ti, incitaram os moradores da sua cidade, dizendo: Vamos, e sirvamos a outros deuses que não conhecestes;* " (Deuteronómio 13:12,13)

"*Quando ouvires dizer*." Você já "ouviu dizer"? Faz as vezes julgamentos apenas com base em "ouvi dizer" (boatos)?

As pessoas nesta passagem foram acusadas de um pecado terrível: afastar as pessoas do verdadeiro Deus para levá-las a idolatria. Como é que Deus espera que respondamos a um relatório desses?

"*Então* ***inquirirás*** *e* ***investigarás****, e* ***com diligência perguntarás****; e eis que, sendo* ***verdade****, e* ***certo*** *que se fez tal abominação no meio de ti; Certamente ferirás, ao fio da espada, os moradores daquela cidade, destruindo a ela e a tudo o que nela houver, até os animais.*" (Deuteronómio 13:14,15) (ênfase adicionada)

Observe estas cinco salvaguardas antes de agir: Inquira, investigue, pergunte com diligência, veja se é verdade e veja se está provado. Deus ordenou para Israel que o julgamento tivesse que ser baseado em factos provados.

Uma vez o julgamento justo tenha sido decidido, sem embargo, ele deve ser seguido por uma ação apropriada. Frustra-me que os cristãos estejam julgando com frequência outros cristãos, mas, depois disso, nada fazem a respeito. Não faz sentido julgar se não for seguido de ação apropriada. Não é bíblico.

3. Enfrentar os acusadores

O terceiro requisito para o julgamento é este: o acusado tem o direito de enfrentar os seus acusadores e ouvir o caso contra ele. Os piores transgressores a esse respeito são frequentemente as pessoas religiosas. Em João 7, o Sinédrio, o conselho religioso judaico, estava discutindo acerca de Jesus. Eles tinham ouvido muitos relatórios ruins e eles estavam discutindo-os entre si. Um homem honesto, Nicodemos, falou:

"*Porventura condena a nossa lei um homem sem primeiro o ouvir e ter conhecimento do que faz?* " (João 7:51)

Não é bíblico julgar alguém até que deixe essa pessoa pessoalmente falar por si mesmo.

Há alguns anos, percebi que estava formando opiniões de pessoas com base no que eu ouvira, mas quando conheci essas pessoas, minha opinião mudava instantaneamente. Eu vinha sofrendo preconceito e desinformação. Então eu fiz uma regra de conduta para mim: Sempre que possível, eu nunca vou formar uma

opinião sobre alguém até que eu o encontrar pessoalmente. As pessoas são tão diferentes do que ouve acerca delas!

Em Atos 25: 15–16, Festo, o procurador romano, falava sobre os seus procedimentos com Paulo:

"*Quando fui a Jerusalém, os chefes dos sacerdotes e os líderes dos judeus fizeram acusações* [falsos] *contra ele, pedindo que fosse condenado.*" (versículo 15, NVI)

Veja o que este oficial gentio disse àqueles judeus religiosos:

"*Eu lhes disse que não é costume romano condenar ninguém antes que ele se defronte pessoalmente com seus acusadores e tenha a oportunidade* [liberdade] *de se defender das acusações que lhe fazem.*" (versículo 16, NVI)

Festo estava apoiando os princípios judeus de justiça que foram estabelecidos na sua própria lei, mas que eles estavam transgredindo. Às vezes o mundo secular é mais justo nos seus procedimentos do que as pessoas religiosas que estão cegas por causa dos seus preconceitos!

4. com base em duas e de preferência três testemunhas confiáveis

Eu apontei anteriormente que em Mateus 18:16 o próprio Jesus afirmou esta exigência:

"*…que pela boca de duas ou três testemunhas toda a palavra seja confirmada.*"

Em 1 Timóteo 5:19 Paulo enfatizou especialmente que os líderes da igreja precisam a proteção desta regra:

"*Não aceites acusação contra o presbítero, senão com duas ou três testemunhas.*"

Porque é que especialmente os líderes da igreja precisam dessa proteção? Porque satanás é "*o acusador de nossos irmãos*" (Apocalipse 12:10). Fofoca e criação de escândalo são duas das principais armas que satanás usa contra os homens que Deus levanta em posições de liderança espiritual. Eles também são dois dos pecados mais comuns entre as pessoas religiosas.

=/=/=/=/=/=/=/=/=/=/=

No final deste breve estudo sobre o julgamento, faríamos bem em nos lembrar de um compromisso inescapável que nos espera a todos.

"*Porque todos devemos comparecer* [ser manifesto, ser totalmente exposto] *ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal.*" (2 Coríntios 5:10)

No versículo seguinte, Paulo aplicou essa verdade na sua própria vida:

"*Assim que, sabendo o temor que se deve ao Senhor, persuadimos os homens à fé, mas somos manifestos* [totalmente expostos] *a Deus;* " (versículo 11)

Embora fosse grande apóstolo, Paulo encheu-se de profundo temor com a perspetiva de estar totalmente exposto diante do tribunal de Cristo. Haverá alguma razão para que nós possamos achar esse prospeto menos temível?

Apêndice 1

Como reconhecer Apóstolos

Em Apocalipse 2: 2, Jesus elogiou a igreja em Éfeso: "…*e puseste à prova os que dizem ser apóstolos, e o não são, e tu os achaste mentirosos*.". Também, em 2 Coríntios 11: 13–15, Paulo falou sobre alguns que tinham estado a ministrar entre os coríntios e os descreveu como "*falsos apóstolos, obreiros fraudulentos, transformando-se em apóstolos de Cristo*". Então ele comentou:

"*E não é maravilha, porque o próprio Satanás se transfigura em anjo de luz. Não é muito, pois, que os seus ministros se transfigurem em ministros da justiça; o fim dos quais será conforme as suas obras.*" (versículos 14 e 15)

É claro, portanto, que Jesus responsabiliza a igreja, sempre que necessário, a por à prova aqueles que afirmam ser apóstolos, e se eles não passarem no teste, a rejeitá-los como enganadores. Para rejeitar o falso, porém, precisamos primeiro saber identificar o genuíno. Como, então, podemos reconhecer um verdadeiro apóstolo?

Primeiro, devemos entender o que a palavra apóstolo realmente significa. O significado literal da palavra grega para "apóstolo" é "um enviado". Uma pessoa que não foi "enviada" não pode ser um apóstolo.

Em Efésios 1: 22–23, Paulo disse que Deus fez de Jesus "*…sobre todas as coisas o constituiu como cabeça da igreja, que é o Seu corpo*". É Jesus, portanto, como Cabeça da igreja, que envia os apóstolos. Em 2 Coríntios 3:17, no entanto, Paulo disse: "*Ora, o Senhor é o Espírito* [isto é, o Espírito Santo]".

Esta declaração indica que Jesus é o Senhor *sobre* a igreja, mas que o Espírito Santo é o Senhor *na* igreja. Isso é exemplificado no modo como os apóstolos foram designados e enviados da Igreja em Antioquia:

"*E na igreja que estava em Antioquia havia alguns profetas e doutores, a saber: Barnabé e Simeão chamado Níger, e Lúcio, cireneu, e Manaém, que fora criado com Herodes o tetrarca, e Saulo. E, servindo eles ao Senhor, e jejuando, disse o Espírito Santo: Apartai-me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado. Então, jejuando e orando, e pondo sobre eles as mãos, os despediram. E assim estes, enviados pelo Espírito Santo, desceram a Selêucia e dali navegaram para Chipre."* (Atos 13:1-4)

Nesta transação, Jesus, como Cabeça da igreja, operou através do Espírito Santo - Seu representante divino, autoritário e pessoal dentro da igreja.

Originalmente, todos os cinco homens em Atos 13: 1 foram descritos como "*profetas e doutores* [mestres]". Depois que Barnabé e Saulo (Paulo) foram

enviados, ambos foram chamados de "*apóstolos*", como em Atos 14:14: "*Ouvindo, porém, isto os* ***apóstolos*** *Barnabé e Paulo*..." (ênfase adicionada).

Foi por causa de serem enviados de Antioquia que Barnabé e Paulo se classificaram para o título de "apóstolos".

Mais tarde, Atos 16: 1–4 regista como um discípulo chamado Timóteo foi encarregado por Paulo e foi enviado com ele como parte de sua equipe. Desse modo, Timóteo também se classificou para o título de "apóstolo" – "um enviado". Isto é confirmado em 1 Tessalonicenses 1: 1, onde a epístola começa com a introdução de três homens: Paulo, Silvano (Silas) e Timóteo. Mais adiante, em 1 Tessalonicenses 2: 6, Paulo, escrevendo em nome dos três homens, disse:

"*E não buscamos glória dos homens, nem de vós, nem de outros, ainda que podíamos, como* ***apóstolos de Cristo****, ser-vos pesados;* " (enfase adicionada)

Este versículo indica que Timóteo - tendo sido enviado com Paulo e Barnabé - foi agora reconhecido juntamente com eles como um apóstolo.

Paulo disse:

"*Os sinais do meu* ***apostolado*** *foram manifestados entre vós com toda a paciência* [perseverança]*, por sinais, prodígios e maravilhas.*" (2 Coríntios 12:12, enfase adicionada)

Portanto, obviamente, esperava-se que todo genuíno ministério apostólico fosse atestado por sinais sobrenaturais apropriados. O primeiro sinal comprovativo que o Paulo mencionou é uma marca distintiva de caráter: "*com toda a paciência* (perseverança)". Quando os outros estão prontos para desistir, o apóstolo é aquele que continue firme diante toda a oposição ou desânimo.

"*Porque não queremos, irmãos, que ignoreis a tribulação que nos sobreveio na Ásia, pois que fomos sobremaneira agravados mais do que podíamos suportar, de modo tal que até da vida desesperamos. Mas já em nós mesmos tínhamos a sentença de morte, para que não confiássemos em nós, mas em Deus, que ressuscita os mortos; O qual nos livrou de tão grande morte, e livra; em quem esperamos que também nos livrará ainda,*" (2 Coríntios 1:8-10)

Então Paulo também especificou "*sinais, prodígios e maravilhas* [grandes feitos]" (2 Coríntios 12:12). O ministério de um apóstolo deve ser atestado por milagres significativos. Uma leitura objetiva do Novo Testamento indicaria que a proclamação do Evangelho deveria ser regularmente confirmada pelo tipo de atestação sobrenatural descrita em Hebreus 2: 4:

"*Testificando também Deus com eles, por sinais, e milagres, e várias maravilhas e dons do Espírito Santo, distribuídos por sua vontade.*"

Durante os sessenta anos em que andei com o Senhor, tive o privilégio de conhecer alguns maravilhosos servos Dele. Não duvido que alguns deles se qualifiquem para o título de "apóstolo". Penso em particular em dois homens, um

da África e outro da Rússia. Seus ministérios eram, de tempos em tempos, testemunhados por milagres dramáticos, e deixavam para trás um rastro de igrejas locais. Essas são duas marcas bíblicas de um apóstolo: sinais e maravilhas e igrejas locais trazidas à luz.

Sinais sobrenaturais por si mesmos, no entanto, não são necessariamente suficientes para confirmar que um ministério é apostólico segundo os padrões do Novo Testamento. Em 2 Tessalonicenses 2: 9, Paulo advertiu que o Anticristo ("o iníquo") será atestado por "…*todo poder, e sinais e prodígios de mentira*". Contudo, ele será um agente de satanás.

Sinais sobrenaturais devem ser associados à doutrina correta. Atos 2:42 diz que aqueles que foram batizados no dia de Pentecostes "*perseveravam na doutrina dos apóstolos.* " Através desta prática eles foram edificados em crentes estáveis.

Todo o Novo Testamento é o produto da "doutrina dos apóstolos". Esse fato indica que a doutrina de um apóstolo genuíno deveria, em todos os pontos principais, estar em harmonia com a revelação total do Novo Testamento.

A doutrina correta por si só, no entanto, não é o suficiente. Deve partir de um estilo de vida que demonstre no cotidiano as verdades que proclamamos. Em Efésios 3: 4–5 Paulo disse que o mistério de Cristo foi revelado nesta época aos "**santos** apóstolos e profetas" de Deus (ênfase adicionada). A verdade revelada deve sempre andar de mãos dadas com a santidade da vida.

Em 1 Tessalonicenses 2:10, Paulo falou em nome de Silas, Timóteo e de si mesmo, e chamou os tessalonicenses para testemunhar "*de quão santa, justa e irrepreensivelmente nos comportamos para convosco que credes*.".(NVI)

O fruto primário do ministério apostólico é a igreja local. Primeiro e acima de tudo, o apóstolo é aquele que sabe como estabelecer os alicerces de uma igreja local. Falando como um apóstolo aos coríntios em 1 Coríntios 3:10, Paulo disse: "*pus eu, como sábio arquiteto, o fundamento, e outro edifica sobre ele* ".

Além disso, o apóstolo também ministra às várias necessidades de uma igreja local depois que ela tem sido estabelecida. Ele pode ser usado para trazer encorajamento, correção, repreensão e disciplina. Em relação à igreja local, o apóstolo é o "*sábio arquiteto* [mestre construtor]". Ele entende e pode supervisionar todos os estágios do processo de construção - desde a fundação até a conclusão do telhado.

Esta breve análise do ministério de um apóstolo leva a duas conclusões. Primeiro, os ministros cristãos que reivindicam o título de "apóstolo" devem preencher as qualificações para o ministério descrito no Novo Testamento. Segundo, se uma igreja local é abordada por ministros que reivindicam o título de apóstolos, os líderes da igreja são responsáveis por verificar a sua reivindicação pelos padrões do Novo Testamento.

Apêndice 2

Verdadeiros e Falsos Profetas

Quando entramos na plenitude da vida cristã, conforme descrito no Novo Testamento, nós nos vemos projetados fora do natural para dentro de um nível de vida sobrenatural. Com o sobrenatural, entramos num reino de grande potencial, mas também num mundo de perigos novos e desconhecidos.

Podemos ilustrar isso com um exemplo simples de eletricidade. Quanto mais alta a voltagem da corrente que passa por um fio, mais potente o isolamento que protege o fio tem de ser. No reino espiritual também é assim. Quanto mais nos movemos dentro do reino do sobrenatural, mais iminente é a nossa necessidade do "isolamento" espiritual que Deus proveu para nós.

O "isolamento" que tenho em mente consiste em estudar e aplicar cuidadosamente as várias salvaguardas que Deus providenciou nas Escrituras para manter o dom e ministério de um profeta em linha com a Sua Santa Palavra.

A principal arma de Satanás contra a humanidade sempre tem sido o engano. Foi através do engano no início da história humana que ele enlaçou Adão e Eva. No último livro da Bíblia, o clímax da profecia e da história, ele é identificado como "*a antiga serpente, chamada o Diabo, e Satanás, que* ***engana*** *todo o mundo*" (Apocalipse 12: 9, ênfase adicionada).

Deus tem tido os Seus profetas na Terra em todos os tempos. A primeira profecia registada nas Escrituras foi dada por Enoque na sétima geração desde Adão:

"*… Eis que é vindo o Senhor com milhares de seus santos; Para fazer juízo contra todos …*"(Judas 1:14,15)

Abraão, o pai do povo de Deus na terra, era um profeta. O Senhor disse a Abimeleque a respeito dele: "… *porque profeta é, e rogará por ti, para que vivas …* " (Gênesis 20: 7).

Na Nova Aliança, em Efésios 4:11, os "profetas" são um dos cinco principais ministérios que Jesus proveu para a edificação de Seu corpo, a igreja.

Sob a Lei de Moisés, Deus deu instruções específicas ao Seu povo sobre como distinguir entre verdadeiros e falsos profetas. Em Deuteronómio 13: 1–5 o Senhor advertiu que um profeta pode dar algum sinal sobrenatural, um que realmente acontece, e ainda assim ele pode ser um falso profeta:

"*Quando profeta ou sonhador de sonhos se levantar no meio de ti, e te der um sinal ou prodígio, e suceder o tal sinal ou prodígio, de que te houver falado, dizendo: Vamos após outros deuses, que não conheceste, e sirvamo-los; Não ouvirás as palavras daquele profeta ou sonhador de sonhos; porquanto o Senhor*

vosso Deus vos prova, para saber se amais o Senhor vosso Deus com todo o vosso coração, e com toda a vossa alma. Após o Senhor vosso Deus andareis, e a ele temereis, e os seus mandamentos guardareis, e a sua voz ouvireis, e a ele servireis, e a ele vos achegareis. E aquele profeta ou sonhador de sonhos morrerá, pois falou rebeldia contra o Senhor vosso Deus, que vos tirou da terra do Egito, e vos resgatou da casa da servidão, para te apartar do caminho que te ordenou o Senhor teu Deus, para andares nele: assim tirarás o mal do meio de ti."

Este aviso é urgente nos dias de hoje. Alguns do povo de Deus estão tão apaixonados pelo sobrenatural que estão prontos para receber qualquer um que demonstre poder sobrenatural ou conhecimento, como necessariamente sendo um verdadeiro servo de Deus. Mas a passagem citada acima indica que essa atitude é antibíblica e perigosa.

No sétimo e no oitavo capítulo do Êxodo, vemos que os magos do Egito conseguiram reproduzir os primeiros três sinais sobrenaturais realizados por Moisés e Arão. Eles conseguiram transformar as suas varas em serpentes, água em sangue e conseguiram chamar enxames de sapos para fora do rio. No entanto, esses magos eram servos de satanás e o seu poder sobrenatural veio de satanás.

Em Deuteronómio 13: 3, Moisés deu uma razão pela qual Deus às vezes permite que sejamos confrontados por profetas que realizam sinais sobrenaturais por um poder que não é de Deus:

"*… porquanto o Senhor vosso Deus vos prova, para saber se amais o Senhor vosso Deus com todo o vosso coração, e com toda a vossa alma.*"

A nossa única proteção absoluta e infalível contra o engano é: amor incondicional pelo Senhor e respeito e obediência inflexíveis à Sua Palavra contida nas Escrituras.

A nossa única proteção absoluta e infalível contra o engano é:
amor incondicional pelo Senhor e
respeito e obediência inflexíveis à Sua Palavra contida nas Escrituras.

Em todas as dispensações, Deus permite que o nosso amor por Ele seja testado. Em Apocalipse 3:18, Jesus falou à igreja em Laodicéia,

"*Aconselho-te que de mim compres ouro provado no fogo …*"

O ouro refinado é o amor que resistiu ao teste da obediência. Nunca é barato!

Em Deuteronómio 18: 20–22, Moisés deu mais outra maneira para identificar um falso profeta:

"*Porém o profeta que tiver a presunção de falar alguma palavra em meu nome, que eu não lhe tenha mandado falar, ou o que falar em nome de outros deuses, esse profeta morrerá. E, se disseres no teu coração: Como conhecerei a palavra*

que o Senhor não falou? Quando o profeta falar em nome do Senhor, e essa palavra não se cumprir, nem suceder assim; esta é palavra que o Senhor não falou; com soberba a falou aquele profeta; não tenhas temor dele."

Para obtermos uma visão completa, precisamos combinar as duas passagens que nos mostram como identificar um falso profeta: Deuteronómio 13: 1-5 e Deuteronómio 18: 20-22.

A primeira passagem adverte contra um profeta que dá um sinal sobrenatural que é cumprido, mas que ao mesmo tempo ensina desobediência ou deslealdade para com o Senhor. A segunda passagem adverte que um profeta que faz alguma previsão sobrenatural que não é cumprida é um falso profeta.

Por indução chegamos à seguinte conclusão: Um verdadeiro profeta é alguém que dá um sinal sobrenatural ou faz uma previsão que é cumprida, mas que também ensina lealdade e obediência ao Senhor e à Sua Palavra.

Se um cristão professo dá um sinal sobrenatural ou uma profecia profética que não é cumprida, ele ou ela deve seguir os seguintes passos:

1. Reconheça publicamente que o sinal ou a previsão era falsa.

2. Peça perdão a todos aqueles que foram enganados.

3. Se as pessoas que foram enganadas sofreram perdas ou danos, faça todo o possível para emendar/compensar.

Durante os sessenta anos em que tenho andado com o Senhor, lembro-me de pelo menos meia dúzia de situações em que - em nome do Senhor - um homem ou uma mulher dava um sinal sobrenatural ou fez uma profecia preditiva que nunca se cumpria. Só posso recordar duas daquelas pessoas que reconheceram publicamente o seu pecado e pediram perdão àqueles que haviam sido enganados.

Na igreja do Novo Testamento, Deus ordenou que a prática do dom de profecia fosse publicamente submetida a exame:

"*E falem dois ou três profetas, e os outros julguem.*" (I Coríntios 14:29)

Não é bíblico permitir o exercício do dom de profecia em público, a menos que seja dada a oportunidade para que ele seja submetido a verificação.

Lembro-me de uma manhã de domingo quando estava na plataforma de uma igreja onde eu era regularmente orador convidado. Num dado momento, um homem na parte de trás levantou-se e em voz alta e dura proferiu uma profecia que derramava condenação sobre todos os pecados e falhas das pessoas presentes.

Enquanto o homem falava, eu estava observando alguns estudantes universitários que estavam sentados num grupo perto da frente. Quanto mais tempo o homem continuava "profetizando", mais claramente seus rostos registavam ceticismo e desgosto. "Se ninguém desafiar esse homem", eu disse a mim mesmo, "aqueles jovens inteligentes e impressionáveis concluirão que nós - os mais velhos - aceitamos o que aquele homem está dizendo como uma genuína manifestação do Espírito Santo, e eles perderão toda a confiança no tipo de cristianismo que professamos."

Quando o homem chegou ao fim da sua "profecia", levantei-me e dirigi-me à congregação: "O Novo Testamento ensina que quando alguém profetiza, os outros presentes devem julgar o que ele está dizendo. Também diz que uma pessoa que profetiza fala edificação, exortação e conforto. (Veja 1 Coríntios 14: 3.) Em tudo o que o nosso irmão tem dito, não ouvi nada que eu descreveria como edificação, exortação ou conforto - apenas crítica e condenação. Da minha parte, não aceito como uma profecia genuína."

"O Novo Testamento também diz: '*…e os outros julguem.*' (1 Coríntios 14:29). Convido outros aqui para dar o seu julgamento."

Houve alguns momentos de silêncio. Então - um após o outro - três homens que eram respeitados na congregação, se levantaram e deram o seu julgamento. Cada um deles endossou o que eu havia dito.

A nuvem escura que seguiu a falsa profecia do homem foi dissipada. Mais importante ainda, os rostos dos estudantes universitários relaxaram. Os seus anciões afinal não eram tão facilmente enganados.

A profecia é um dom precioso que Jesus providenciou para a edificação da igreja. Usada como deve ser, é um canal de grande bênção - de edificação, exortação e conforto. Mas a sua falsificação – a profecia falsa - pode ser uma ferramenta satânica usada para a destruição do povo de Deus. Lembro-me de exemplos em que a profecia falsa tem sido um instrumento na destruição de um indivíduo, uma família e até mesmo uma congregação inteira.

Isso impõe uma obrigação a todos os que são líderes do povo de Deus de aplicar fiel e diligentemente as salvaguardas que Deus providenciou nas Escrituras.

=/=/=/=/=/=/=/=/=/=

SOBRE O AUTOR

Derek Prince (1915 – 2003)

Derek Prince nasceu na Índia, filho de pais britânicos. Douto em Grego e Latim no *Eton College* e na Universidade de Cambridge, Inglaterra, lecionou em filosofia antiga e moderna no *King's College*. Dedicou-se ainda ao estudo de várias línguas modernas, incluindo hebraico e aramaico nas Universidades de Cambridge e na Universidade Hebraica em Jerusalém.

Enquanto servia no Exército Britânico, durante a Segunda Guerra Mundial, ele começou a estudar a Bíblia e experimentou um encontro com Jesus Cristo que mudou a sua vida. Em consequência deste encontro ele chegou a duas conclusões:

- Jesus Cristo está vivo;
- a Bíblia é um livro que traz a verdade, sendo por isso relevante e sempre atual.

Tais conclusões alteraram todo curso de sua vida, a qual ele então dedicou ao estudo e ensino da Bíblia.

O principal dom de Derek de explicar a Bíblia, e o seu modo de ensinar de forma clara e simples, ajudou a construir um fundamento de fé em milhões de vidas. A sua abordagem não sectária e não denominacional, tornou o seu ensino tanto relevante quanto de grande ajuda para pessoas de todas as origens, quer raciais, quer religiosas.

Ele é o autor de mais de cinquenta livros, quinhentos áudios e cento e sessenta videocassetes de ensino, muitos dos quais têm sido traduzidos e publicados em mais de sessenta idiomas. O seu programa diário de rádio *O Legado de Derek Prince* é transmitido em árabe, chinês (dialetos *amoy*, cantonês, mandarim, *shanga*i e *swatow*) croácio, alemão, malásio, mongol, russo, samoano, espanhol e tonganês e mais. O programa de rádio continua a tocar vidas por todo o mundo. Em setembro de 2003 depois duma vida longa e frutífera, Derek Prince faleceu com a idade de 88 anos. Derek Prince Ministries, continuará a distribuir por todo o mundo o ensino dele através dos diversos meios que dispõe, entre os quais: livros, cartas de ensino, cartões de proclamação, áudio, vídeo e conferências.

Existem, no entanto, objetivos bem definidos no DPM:

- Fazer chegar estes meios a locais onde ainda não conhecem a Palavra de Deus

- Contribuir para o fortalecimento da fé dos cristãos por todo mundo e mais especificamente para dos que vivem em países mais fechados ao evangelho de Jesus Cristo e o Seu Reino.

SOBRE DEREK PRINCE PORTUGAL

Se não conseguires explicar um princípio duma maneira simples e em poucas palavras, então tu próprio ainda não o percebes suficientemente.

Esta frase de Derek Prince caracteriza o seu ensino bíblico. Estudos simples e claros que pretendem, direcionar o leitor para os princípios de Deus, tornando assim possível uma maior abertura para reflexão e tomada de posição perante a vontade de Deus revelada na Sua Palavra.

Os estudos de Derek Prince têm ajudado milhões de cristãos em todo mundo, a conhecerem Deus mais intimamente e a porem em prática os princípios da Bíblia no dia-a-dia das suas vidas.

O objetivo do Derek Prince Portugal resume-se em:

Mateus 28:19-20 Mateus 24:14 Efésios 4:12-13

e…

Achamos que o ensino do Derek Prince é uma ferramenta preciosa de usar neste sentido, daí que procuramos disponibilizar cada vez mais do ensino dele (cartas, livros, cartões de proclamação, áudios e dvd's) na língua portuguesa para ajudar os discípulos de Jesus o Cristo na sua caminhada da fé.

Em mais de 100 países o DPM está ativo, dando a conhecer o maravilhoso e libertador evangelho de Jesus Cristo. Esperamos também que se sinta envolvido e encorajado na sua fé através do material por nós (Derek Prince Portugal) fornecido.

Deseja saber mais sobre o nosso trabalho, os materiais disponíveis ou deseja envolver-se de alguma forma com o nosso trabalho, contacta-nos:

Derek Prince Portugal:
Caminho Novo lote X,
9700-360 Feteira AGH

Tel: (+351) 295 663738 / 927992157
E-mail: derekprinceportugal@gmail.com
Blog: www.derekprinceportugal.blogspot.pt

OUTROS LIVROS por DEREK PRINCE (em Português):

Livros:

. Bênção ou Maldição

. Como passar da maldição para Bênção

. O Plano de Deus para o seu dinheiro

. Curso Bíblico autodidata

. O Remédio de Deus para a rejeição

. Expulsarão demónios

. Maridos e pais

. A Troca Divina

. O Poder da Proclamação

. Quem é o Espírito Santo?

. A Chave para um casamento duradouro.

. Graça ou Nada.

. O Fim da Vida terrena… e AGORA?

. Os Dons do Espírito.

. Guerra Espiritual

. Orando pelo governo

. Os Alicerces da Fé Cristã (uma série de três volumes)

. Os Dons do Espírito

. A Redescoberta da Igreja de Deus

. O Destino de Israel e da Igreja

. A Cruz é Crucial

Cartões de proclamação:

. A Troca Divina

. Digam-no os remidos

. Somente o Sangue

. O Poder da Palavra de Deus

. O meu Deus proverá

. Eu obedeço à Palavra

. Emanuel, Deus Connosco

. Graça, a Imerecida Prenda

. O Espírito Santo em mim

Livros somente em pdf:

. Proteção contra o engano

. Arrependimento e Novo Nascimento

. A Palavra Final sobre o Médio Oriente

. Moldando a História com Oração e Jejum

. O Poder da Ceia do Senhor

. O Casamento é uma Aliança

JULGAR:
QUANDO? PORQUÊ? COMO?

Algumas passagens das Escrituras dizem, "Julgue", enquanto outros dizem, "Não julgue". Parece existir um paradoxo aqui. Derek Prince desvenda neste estudo o aparente conflito e explica:

... QUEM tem autorização de julgar
... QUANDO é necessário julgar
... O QUE devemos JULGAR
... QUAIS são os limites do julgamento
... QUAL a atitude a ter ao julgar

Enquanto no mundo, dito, cristão, a palavra julgar não é bem aceite, Derek Prince mostra-nos a necessidade e a importância de julgar de forma bíblica.

Repare, por exemplo, nas seguintes afirmações:
... julgar é função de governar
... a própria essência da igreja é governamental

Que este estudo possa ser mais uma ferramenta para ajudar a Igreja a cumprir o seu papel e crescer até à sua estatura de Igreja gloriosa.

DEREK PRINCE PORTUGAL